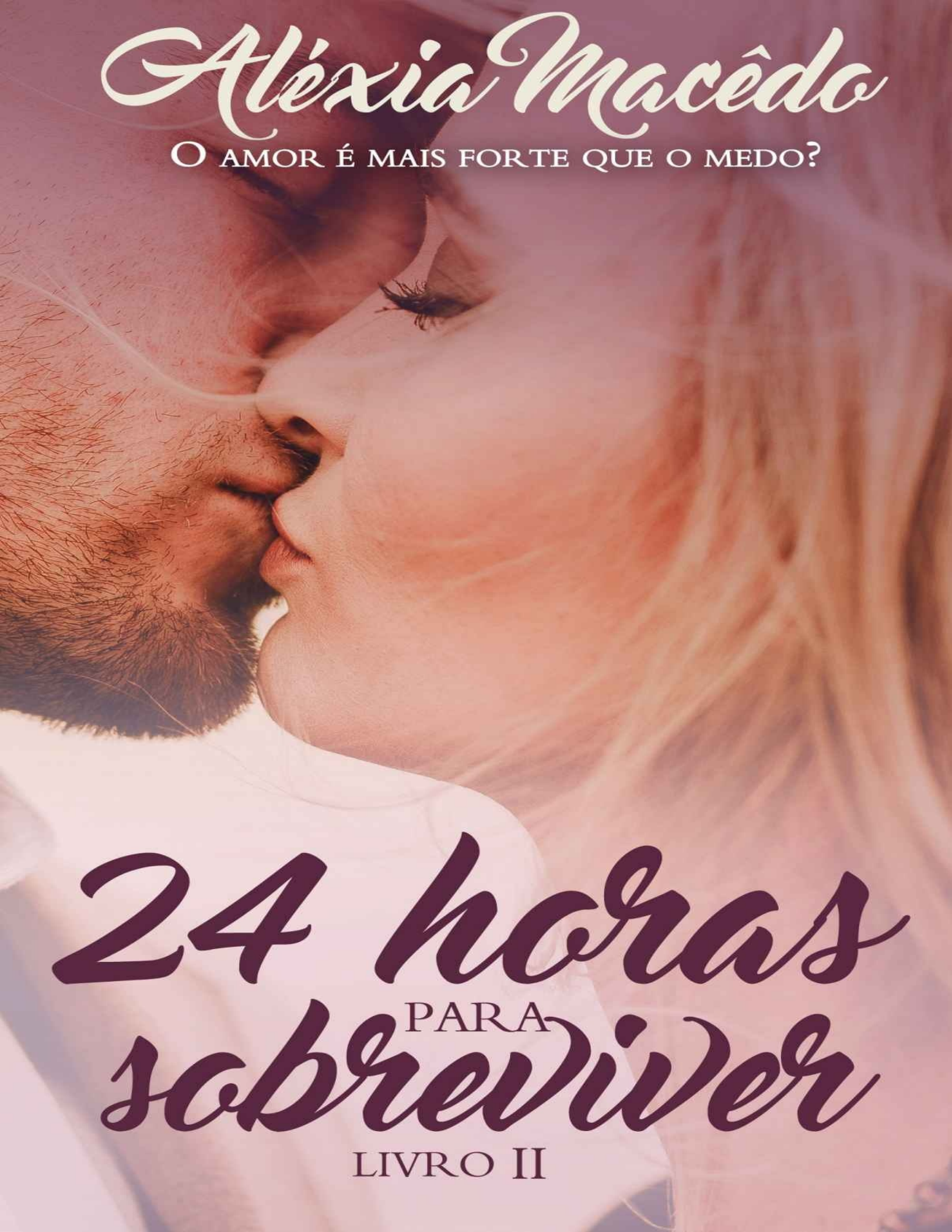


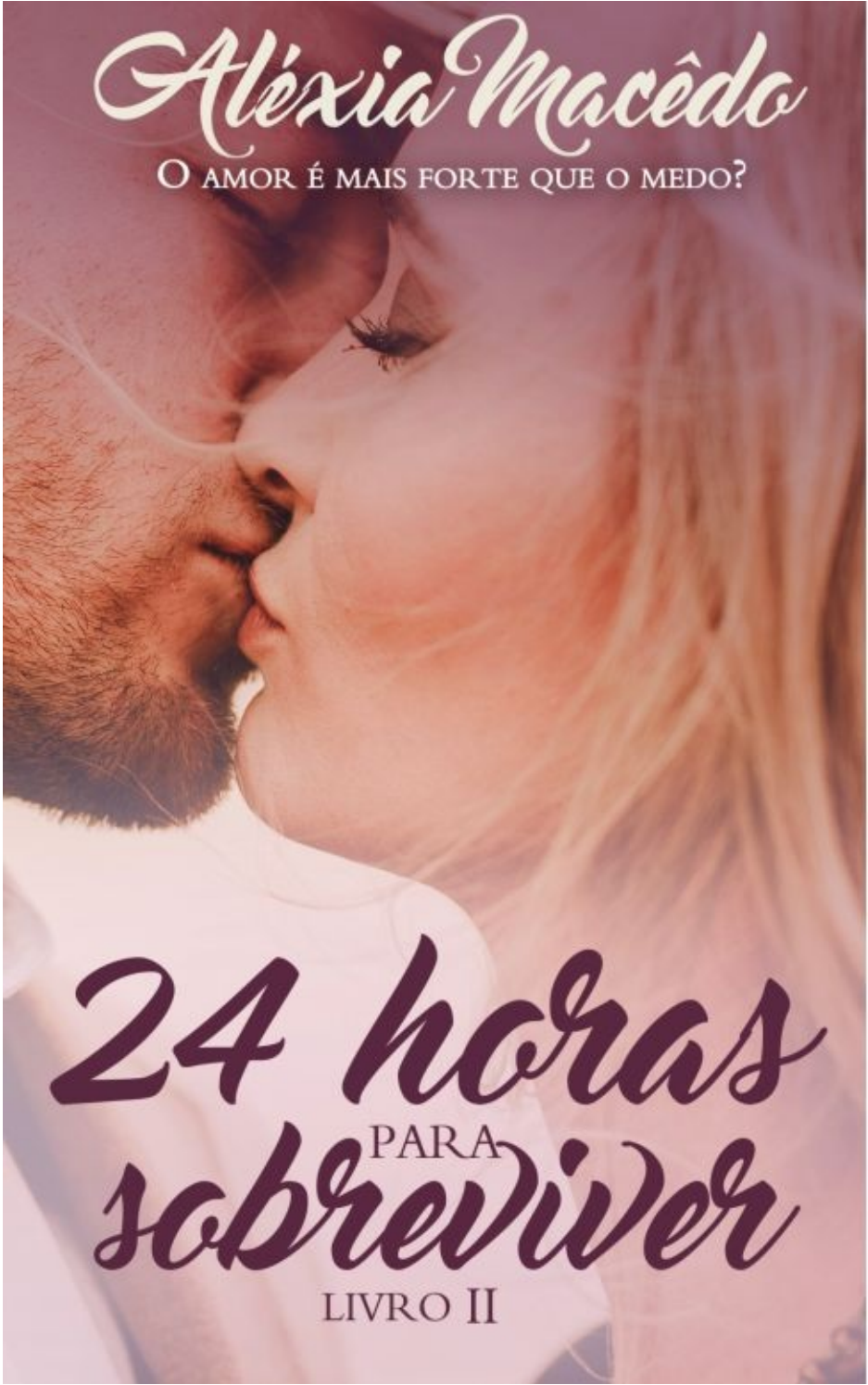
A romantic close-up of a man and a woman about to kiss. The man has a beard and is wearing a white shirt. The woman has blonde hair and is looking down at him. The background is a soft, warm pinkish-red.

Alexia Macêdo

O AMOR É MAIS FORTE QUE O MEDO?

24 horas
PARA
sobreviver
LIVRO II





Alexia Macêdo

O AMOR É MAIS FORTE QUE O MEDO?

24 horas
PARA
sobreviver

LIVRO II

Copyright © 2018, Aléxia Macêdo

Todos os direitos reservados.

É proibida a distribuição ou reprodução total ou parcial de qualquer parte dessa obra, de qualquer forma ou por qualquer meio mecânico ou eletrônico, sem o consentimento da autora.

Plágio é crime. Denuncie!

Está é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos é mera coincidência. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são frutos da imaginação da autora.

CAPA E DIAGRAMAÇÃO: Aléxia Macêdo



Sumário

SUMÁRIO

[Prólogo](#)

[PRIMEIRO](#)

[SEGUNDO](#)

[TERCEIRO](#)

[QUARTO](#)

[QUINTO](#)

[SEXTO](#)

[SÉTIMO](#)

[OITAVO](#)

[NONO](#)

[DÉCIMO](#)

[DÉCIMO PRIMEIRO](#)

[DÉCIMO SEGUNDO](#)

[DÉCIMO TERCEIRO](#)

[DÉCIMO QUARTO](#)

[DÉCIMO QUINTO](#)

[DÉCIMO SEXTO](#)

[DÉCIMO SÉTIMO](#)

[EPILÓGO](#)

[Nota da autora](#)

[Sobre a autora](#)

PARA MELHORAR A EXPERIÊNCIA DE LEITURA

Antes de você embarcar na história de Catarina e André gostaria de falar que há uma playlist no Spotify com todas as músicas que me fazem lembrar a história e a grande maioria das músicas que eu ouvia enquanto escrevi. Acredito que as músicas ajudam a melhorar a ambientação da história, mudando um pouco como nos sentimos, fazendo com que o leitor embarque mais no clima do livro que está lendo, se desligando do mundo exterior. São quase duas horas de música, com diversos cantores, sendo a maioria internacional, mas com músicas nacionais também. Caso queira ouvir pode clicar aqui ou pesquisar por “[24 horas para sobreviver](#)”, playlist de Aléxia Macêdo.

PRÓLOGO

Você já encontrou uma pessoa que mudou completamente a sua vida? Que lhe deu um novo frescor para os dias agitados, lhe deu a calma necessária para as turbulências do coração que ninguém mais entendia?

Você já encontrou uma pessoa que te percebeu com olhos singulares e em uma visão, sob uma perspectiva, que ninguém, nem uma única outra pessoa no mundo, faria igual? Que simplesmente não desistia mesmo quando você afirmava veemente que não precisava?

Você já encontrou uma pessoa que lhe ensinou a viver de um jeito novo e completamente peculiar ao que você acreditava? Uma pessoa que fez a vida valer muito mais a pena? Que lhe mostrou que viver é estar nesse mundo para além do simples existir, que é sentir e se deixar ser sentido?

Eu encontrei.

E continuo encontrando essa pessoa todos os dias quando meus olhos se abrem e minha mente desperta depois de uma noite de sono, então viro para o lado esquerdo da cama, vejo os raios de sol entrando pela janela, faço uma oração silenciosa com um sorriso nos lábios e o vejo ali.

Nunca imaginaria que eu encontraria em alguém tantas coisas que eu não sabia que desejava e precisava tanto. Nunca imaginaria que um acidente frustrante poderia fazer com que Deus trouxesse para minha vida o melhor presente que eu poderia receber. O melhor presente não apenas para aquele dia, mas para todos os que eu ainda viveria pela frente – contados não mais por mim, mas sim por aquele que tem todo o controle do tempo, da vida, de toda a Sua Criação.

Ele me deu o que eu nem sequer sabia que queria ou precisava. Ele me deu a alegria que meu coração secretamente ansiava, o desejo louco de viver de verdade quando eu acreditava ferozmente que nada mais nesse mundo valia a pena. Ele me curou. Ele me deu o André. E através do André tudo isso foi feito em mim.

—Você já acordou?— André me pergunta enquanto franze seus olhos, estranhado a claridade do sol que deixava seus raios penetrar pela cortina azul claro do quarto.

Eu apenas aceno com a cabeça, com os olhos marejados de uma transbordante felicidade súbita que volta e meia me faz uma visita, me fazendo lembrar o quanto eu sou abençoada. O quanto uma vida pode mudar da noite para o dia.

PRIMEIRO

07:16

02/12/2016

— Você passou mal de novo? – André me pergunta aparecendo na cozinha assim que eu termino de passar o café e tiro os pães da torradeira. Fecho os olhos tentando me concentrar em não ficar tonta novamente, mas minha visão continua levemente embaçada.

— Acho que eu deveria parar de pedir aquela comida mexicana. – Sorrio e ele me abraça por trás, dando um leve beijo em meu ombro.

— Concordo. E talvez eu devesse preparar um jantar especial hoje para nós dois... – Ele diz abaixando o tom de voz e chegando perto de mim, passa o braço pela minha cintura e cheira o meu cabelo. Eu inspiro. Essa é a melhor sensação do mundo.

— Você vai trabalhar hoje até que horas? – Pergunto apreensiva enquanto levo um pedaço da torrada levemente queimada até a boca assim que ele se afasta de mim.

Logo que eu mordo um pequeno pedaço da torrada, farelos caem sobre o balcão e eu o limpo enquanto continuo a mastigar, tentando manter minhas mãos trêmulas ocupadas e minha cabeça longe do medo que fica me atormentando.

— Não precisa se preocupar. – A voz do André é suave, mansa e acalma, pelo menos por alguns segundos, meu coração.

Ele segura minha mão, fazendo com que eu pare de olhar para o balcão e encontre o seu olhar no meu. Mordo o lábio inferior, tentando controlar o nervosismo e me impedindo de implorar para que ele não saia de casa.

— A operação logo vai acabar e estamos com tudo no controle. Nada mais acontecerá com ninguém, eu prometo. Não precisa ficar nervosa com isso – ele diz tão calmo e sensato que me faz crer que ele realmente confia nisso. Queria conseguir confiar também.

— Aposto que o Roger dizia a mesma coisa para a Valquíria... – começo a falar e já me arrependo das palavras que saem pela minha boca.

— O que aconteceu com o Roger foi uma exceção. Uma fatídica exceção, mas foi – ele diz, me dando seu olhar repreensivo.

Aceno com a cabeça, me esforçando mentalmente para não insistir

no assunto. Não por medo de que ele fosse ficar irritado, coisa que aconteceu em raras vezes ao longo dos últimos cinco anos, mas simplesmente para me obrigar a pensar em outra coisa além dessa nova missão.

Faz exatamente oito meses que a polícia local descobriu pistas de corrupção de alguns vereadores com grandes comerciantes da região, diversos acordos ilícitos e até mesmo um envolvimento de assassinato agora por causa do Rogério, um dos colegas do André. Desde então uma investigação silenciosa tem se seguido.

Obviamente o André não tem permissão para falar sobre o que anda acontecendo a essa altura, e eu não tenho sequer a coragem de lhe perguntar nada sobre o assunto, embora a minha curiosidade fique me martelando a cada vez que chegamos perto de falar sobre, como agora. E isso tudo faz com que nossos dias tenham ficado muito mais silenciosos e o nosso casamento tenso.

Parece que nós estamos novamente em um campo minado, embora eu saiba que a única capaz de explodir de fato aqui sou eu. Pelo menos dessa vez. E saber que teremos que passar por mais algumas semanas, no mínimo, assim, é perturbador.

O André é sempre tranquilo, em uma postura inabalável e firme. Seus olhos sempre trazem uma estabilidade que eu invejo e ao mesmo tempo aprecio. Mesmo depois de tudo que aconteceu no mês passado, ele praticamente não se abalou, enquanto isso eu sabia que as minhas estruturas foram colocadas à prova – e eu sentia que estava fracassando no teste.

Ele é realmente tudo que eu nunca imaginei para minha vida – e é por isso que sei que sou tão abençoada em tê-lo, porque eu sei que eu jamais poderia escolher algo tão bom para mim mesma. Hoje eu sei absolutamente que ele é um presente vindo do céu para os meus dias aqui na terra.

Não somente digo a ele todas as noites, muitas vezes em sussurros carregados de sono e cansaço, como também acredito com toda a fé que tem meu coração: ele é um presente de Deus para minha vida.

E sei que eu não posso perdê-lo. Não depois de todos os nossos esforços para fazer esse casamento dar certo. Não depois de tantos tombos e tropeços. Não depois de tantas noites em claro. Não quando tudo está começando a melhorar.

Não posso viver sem ele aqui. Cinco anos atrás eu tomei uma decisão que não somente fez com que eu continuasse a viver, mas que me deu um novo sentido do que estar viva significa.

E ele me impulsionou a decidir isso. Eu não saberia mais o que significa viver sem que ele estivesse ao meu lado, sem ouvir pelo menos uma vez

ao dia a sua respiração próxima a mim, sem ver o seu sorriso pela manhã, sem sentir o seu beijo leve em minha bochecha antes de dormir.

— Só tome cuidado, ok? – Digo antes que ele saia de casa enquanto termina de colocar o seu coturno preto. Paro no batente da porta, olhando-o.

Ele se levanta da rede que fica em nossa varanda e segura minha mão, entrelaçando nossos dedos, me fazendo fechar os olhos com aquele toque de uma combinação perfeita entre firme e suave.

— Eu não quero ser dramática nem nada... – Começo a falar baixinho.

— Você não é – ele me interrompe, falando no mesmo tom de voz que o meu, e me puxa para um abraço.

— Eu apenas... – Respiro fundo, buscando as palavras certas para os meus sentimentos confusos. – Apenas tenho medo de... Você sabe.

— Sim, eu sei – ele diz e em seguida beija o topo da minha cabeça. – Mas nada vai acontecer. Eu te disse, estamos finalizando a operação, essa deve ser uma de nossas últimas ações e depois tudo estará resolvido. Você já pode começar a respirar aliviada.

— Talvez ainda seja muito cedo para você me dizer isso – eu digo com um sorriso nervoso nos lábios.

— Não sou eu que estou dizendo – ele fala e então se afasta de mim, segurando meus ombros na palma de suas mãos e fazendo com que meu olhar se encontre no seu. – Eu posso ser humano e falho e pequeno, mas eu sei que Ele cuida da gente – ele diz olhando para o céu azul claro e incrivelmente sem nuvens. – E eu sei que nós podemos respirar aliviados enquanto estivermos com essa certeza.

Eu sorrio confirmando, sabendo que isso era mesmo verdade. Porém, era difícil de acreditar com tantos riscos que me cercavam.

Mas acho que é isso que consiste fé, não é? Crer quando tudo parece contrário a tal atitude. Acreditar mesmo quando nosso coração se encontra no desespero absoluto e medo constante. E ser cega para as circunstâncias e enxergar com clareza as promessas do futuro como se fossem a realidade. Porque, de certa, elas já são, só não vemos ainda.

— A promessa do jantar é séria – ele diz, com um sorriso no rosto que faz meu coração derreter novamente. Era como se fosse a primeira vez que eu estivesse vendo aquele sorriso. – Eu vou tentar chegar cedo, portanto nada de pedir de novo aquela coisa que você insiste em chamar de comida mexicana.

Eu dou risada e penso em retrucar com ele só para irritá-lo, mas apenas aceno confirmando. Ele me dá um leve beijo nos lábios, me deixando parada ali na varanda até que ele entre no carro, o ligue e vá embora.

No fundo há uma preocupação que insiste em aparecer, mas eu sei que no fim tudo ficará bem. Não importa o que aconteça tudo ficará bem contanto que eu o tenha.

SEGUNDO

21:13

24/12/2012

— Então você passou o ano estudando e indo à psicóloga? – Ele me pergunta enquanto serve mais dois dedos de vinho na minha taça.

— Exatamente – respondo, levemente orgulhosa.

Respiro fundo tentando me acalmar e balanço meus braços sutilmente em uma tentativa de relaxar os meus ombros. Não imaginava que ver o André me deixaria tão tensa. Eu tinha certeza que queria vê-lo. Eu *precisava* fazer isso. Mas foi tão diferente do que eu imaginei que seria...

— Eu comecei a frequentar antes do começo do ano, na verdade — continuo.— Logo depois que saí daquele hospital. E apresentei na semana passada o meu trabalho de conclusão de curso, e agora sou oficialmente uma geóloga.

— Finalmente parou de estudar sobre todas as rotações da Terra e os climas. Explicado porque se sente melhor – ele fala, com um sorriso no canto da boca e eu não posso deixar de rir. Foi exatamente a mesma coisa que ele me disse quando nos conhecemos e eu fico impressionada por ele ainda lembrar esse detalhe.

— Vou relevar essa pelo bem do meu psicológico – respondo sorrindo e tomo mais um gole de vinho.

Ele balança a cabeça confirmando, com um leve sorriso no rosto e se senta na cadeira ao lado da minha, sinto o seu joelho próximo ao meu e antes que eu possa ter qualquer ação racional sobre os meus impulsos, encosto minha pele em seu jeans.

Automaticamente vejo uma covinha se formar no canto esquerdo da sua boca, quase um sorriso aparece nos lábios antes de sua expressão voltar para a seriedade de antes.

— Desculpe pelo jantar improvisado, eu não sabia que você viria... Obviamente – ele diz enquanto bebe mais um gole e eu mexo uma última vez no meu macarrão de gravatinha.

— Estava uma delícia. E se tem alguém que está errado aqui, esse alguém sou eu. Eu sei que deveria ter te ligado antes de aparecer em sua casa de surpresa bem na véspera de natal.

— Você não tem meu número. — Sua expressão se relaxa e ele levanta as sobrancelhas, sorrindo enquanto bebe mais um gole do vinho.

— Bom ponto — digo rindo, um tanto nervosa, mas para minha sorte ele sorri junto comigo, fazendo com que a tensão que eu sinto se alivie. — Mas deveria ter tentado avisar de alguma forma. Aparecer assim de surpresa na casa de alguém no natal não é uma boa ideia, você nem poderia estar aqui. Foi uma ideia estúpida...

— Catarina... — Ele fala baixo e firme, fazendo com que meu coração bata mais rápido e minhas pernas estremeçam, mesmo eu estando sentada. *Como isso é possível? Ele apenas disse meu nome, pelo amor de Deus!* — Se tem alguém que precisa se desculpar, sou eu.

— Que tal ninguém se desculpar com ninguém? Eu deveria ter mandado um pombo correio, você deveria ter feito um peru para o Natal... E daí? — Digo sorrindo, mas ele permanece sério e meu estômago dá uma reviravolta por conta da intensidade de seu olhar.

—Não é disso que estou falando.

De repente é como se seus olhos ganhassem tonalidades mais escuras que o normal, sua expressão séria, o maxilar rígido, o seu olhar tão fixo ao meu. A combinação perfeita para explodir com meu coração, que nem sei como ainda tem forças para estar batendo.

— Eu preciso me desculpar pelo idiota que eu fui um ano atrás quando me exaltei naquele hospital sem nem te dar a chance de me contar a verdade. O que eu fiz... Aquilo poderia ter colocado um fim a sua vida — ele fala como se estivesse cuspiendo as palavras para fora, envergonhado e eu engulo a saliva com grande dificuldade porque agora tudo ao meu redor parece bem menor do que estava antes. — Fui explosivo, não pensei em minhas palavras. Mas, graças a Deus, o que eu te disse lhe deu as motivações certas. O que não me deixa impune pela crueldade de tudo que eu falei. Você não merecia, e eu sei disso agora, mas eu sei que mesmo que você tivesse feito aquilo de propósito, você ainda não mereceria ouvir nada daquilo.

Ele despeja todas aquelas palavras com uma fúria que me deixa levemente assustada e então vejo o pomo de adão em seu pescoço subir e descer em um som quase inaudível, se não fosse pelo absoluto silêncio que se formou assim que ele se calou. Eu sei que ele está assustado também.

Seus olhos passam a ficar vermelhos e eu me pergunto se foi efeito do vinho, que nem tínhamos bebido para tanto, ou se foram às palavras que ele acabara de dizer que geraram tal reação. Abro minha boca para falar algo, mas, para minha sorte, ele me interrompe antes que palavras se formem em minha

mente, pois eu ainda não fazia ideia do que poderia lhe dizer.

— Eu estava assustado. Eu queria mais do que tudo te salvar. Queria que você visse em mim uma saída, visse em minhas palavras um bote de salva-vidas. E quando tudo aquilo aconteceu logo em seguida, eu vi que estava quebrando mais do que uma promessa.

“Eu estava simplesmente quebrando meu orgulho, a minha honra que estava fixa nessa ideia de que eu precisava salvar as pessoas delas mesmas. Eu não tinha poder nenhum, como não tive quando era apenas um garoto e vi minha mãe dar um fim em sua própria vida. Mas eu estava projetando em você um trauma do meu passado, uma responsabilidade por algo que você não cometeu, por um trauma que você não me causou. Eu te peço perdão por tudo isso.”

Ele enrijece ainda mais o seu maxilar em uma clara tentativa de não deixar os seus sentimentos transbordem assim tão facilmente em forma de lágrimas. E eu me sinto tentada a me inclinar para perto dele e acabar com esse espaço que parece ter se triplicado entre nós.

Então eu apenas seguro a sua mão, que está pousada em cima de sua perna, e a aperto com força, sentindo lágrimas invadirem os meus olhos também, ainda pensando no que posso lhe dizer. Mas por um tempo nada vem em minha mente.

— Eu entendo – digo com dificuldade, por conta das emoções que começam a me perturbar por dentro, ainda sem ter certeza sobre o que lhe falar. – Eu te perdoo. Você me deu mais do que eu poderia pedir, por isso estou aqui hoje. Eu te perdoo. Não tem com eu não te perdoar, André. Independente de qual fosse a sua motivação, independente de qual fosse seu desejo por trás de me salvar. Você me salvou. Se eu estou aqui, respirando, segurando a sua mão e olhando em seus olhos, é porque você fez a escolha de me ajudar. Você fez disso um propósito e não desistiu mesmo quando tentei te empurrar para longe.

Ele apertou novamente a minha mão e então senti uma lágrima escorrer em meu rosto e outra cair em cima da minha mão. Antes que eu pudesse enxergar o seu rosto molhado, ele me puxou em um abraço que fez todo o ar que havia em meus pulmões ir embora, e, antes que pudesse conseguir respirar novamente, seus lábios se encontraram com os meus.

E eu descobri que ele era tudo que eu sempre quis ser saber o que eu realmente queria. Era as respostas que de perguntas que eu não sabia fazer. Era a solução de problemas que eu achava impossíveis.

E, naquele momento, em que suas mãos tocaram minha cintura, me puxaram para perto, que nossos lábios se tocaram e encontraram o encaixe perfeito, que meus dedos entraram pelos fios de seu cabelo, ali eu tinha certeza

que eu estava ferrada.

Não tinha mais para onde correr.

Eu não queria mais ninguém em minha vida. Eu não queria me sentir dependente de mais ninguém. Eu não queria que ninguém mais entrasse no meu coração e fizesse de si um abrigo para mim. Definitivamente não era o que eu queria e menos ainda o que eu precisava naquele momento.

Mas naquele momento, naqueles minutos tudo isso fugiu da minha mente, porque tudo que eu conseguia ouvir era sua respiração ofegante, desesperada, e meu coração batendo forte como dois trens, um vindo um na direção do outro.

Eu sabia que eu não podia deixar isso acontecer, porque eu sabia que eu ia perdê-lo e, quando isso acontecesse, ia me destruir.

Novamente.

TERCEIRO

16:48

02/12/2016

— Bom, hoje a gente estudou sobre o... – digo alto para que todos me ouçam enquanto eles se agitam e olham para o relógio que está na parede atrás de mim.

Esforço-me para não revirar meus olhos. Eu amo a sinceridade das crianças, mas eles realmente poderiam às vezes disfarçar que estavam com mais vontade de ir para casa do que ficar me ouvindo.

— Municípiooooo – eles gritam em uníssono.

— Isso. E nós, como cidadãos, pagamos taxas para quais serviços?

Levanto-me da cadeira e ando entre as fileiras enquanto todos permanecem em silêncio, olhando para os seus cadernos fechados em cima das mesas, claramente muito entediados.

— Vamos lá, vocês sabem – eles continuam calados, como sempre ocorre quando eu faço uma pergunta no final da aula. Respiro fundo buscando paciência. —Isadora, você poderia falar um dos serviços?

— Hum, acho que o lixo – ela diz com a voz baixinha e então toda a turma cai na risada.

— Quase isso – digo baixinho perto dela que logo se encolhe, constrangida em saber que deu a resposta errada. – É a coleta de lixo.

— Nós não pagamos para termos lixo! Que coisa mais idi...

— Pedro! – O repreendo antes que ele continue a palavra. – Você aprendeu isso hoje também, se lembra?

— Mas ela não aprendeu! Ela é uma... – ele fala com raiva, o que faz com que eu o olhe de forma séria antes que continue sua frase.

— Ela é uma menina inteligente e esforçada. Agora, vamos à lição de casa. – Digo antes que essa discussão se prolongue e eu seja obrigada a ter que escrever um bilhete no caderno do Pedro.

Ouçoo a turma inteira fazer um “aaaaan” em reprovação.

— Nada de ‘aaaaan’. Quero que vocês preparem um desenho com um mapa do caminho da casa de vocês até aqui, na escola. Coloquem os pontos mais importantes pelos quais vocês passam diariamente...

— Que tipo de ponto? – A Alice pergunta.

— Lugares que vocês acham interessantes. Como uma padaria, delegacia, posto de saúde.

— Pode ser a casa da Malu? – Ela volta a perguntar e toda a turma cai na risada, fazendo com que eu volte a usar minha cara de seriedade.

— Eu vou explicar melhor. Quero que vocês identifiquem pontos importantes que sejam ou de serviços públicos ou então comerciais, onde as pessoas que são donas ganham diretamente dinheiro ao vender coisas. Tudo bem?

Eles acenam com a cabeça e então o sinal toca, fazendo com uma grande barulheira ecoe toda a escola. O som das portas se abrindo, das conversas – e muitos gritinhos –, mochilas se fechando, pés correndo, tudo isso preenche os meus ouvidos pela quinta vez nessa semana e eu tenho vontade de levar minhas mãos até os ouvidos e apertar com o máximo de força possível. Mas é claro que não faço nada disso.

Enquanto eles saem da sala de aula correndo, termino de colocar meu caderno e estojo dentro da mochila. Então percebo um pequeno pedaço de papel de caderno na mesa. Claramente alguma aluna que havia deixado, já que há um adesivo da Elsa colado ali.

“Professora Catarina, você é muito linda e inteligente. Obrigado por ser tão legal. Queria que o Pedro fosse assim também. Quem sabe um dia, né? Tomara que ele aprenda com você isso também.”

Isadora Dutra.

Sinto as lágrimas invadirem os meus olhos e um sorriso pequeno preenche o meu rosto. Por vezes me questionei se seria feliz dando aula, especialmente sendo professora do primário.

Eu sabia que poderia tentar carreira em muitas outras áreas que envolviam Geografia e até mesmo poderia ser uma acadêmica e intelectual. Quando me mudei de São Paulo para Itapoá isso ficou mais difícil dado à limitação de cidade pequena, embora soubesse que não seria algo completamente impossível.

Mas eu sabia que a cidade grande não era para mim. Sabia que não iria ser feliz lá, mesmo tendo o André do meu lado. Precisava ir para longe, precisava ir para um lugar pequeno, calmo, quieto. Um lugar que acompanhasse o meu novo estado emocional: que houvesse uma rotina e tranquilidade.

Essa mudança não foi repentina, óbvio. E muitos fatores me fizeram começar a mudar toda minha perspectiva de mundo.

E então foi aí que o André conseguiu esse novo emprego em

Itapoá, justamente aquilo que procurávamos: uma cidade pequena no Sul, com menos de 20 mil habitantes e uma casa que ficava a cinco minutos do mar.

E as coisas foram se encaixando, no ano seguinte me inscrevi para um concurso da prefeitura e logo fui chamada para dar aula às turmas de quinta à oitava série.

Um ano depois conseguimos comprar definitivamente a nossa casa e criamos ali uma estabilidade. Encontramos em Itapoá mais do que um simples lugar para viver uma vida isolada e tranquila, como eu queria. Encontramos a verdadeira definição de lar. O lar que eu nunca quis, mas que eu sempre precisei sem saber de tal necessidade.

E se o que queríamos era uma vida sossegada, vivendo em uma bolha e longe de qualquer outro estranho que tentasse invadir nosso espaço, não foi isso que conseguimos. Aprendemos a amar de uma forma diferente, que fez com que pessoas que não dividiam o mesmo sangue que a gente se tornasse a nossa família.

Aprendi que família, na verdade, é bem mais que um DNA. Família é mais sobre coração. Sobre escolhas, perdão, renúncia e amor.

E então tudo parecia no lugar – e o que não estava ainda, ia se ajeitando.

— Catarina? – Ouço uma voz masculina me chamar e então percebo que praticamente vi todos os meus últimos anos passarem pela minha mente enquanto lia aquele pequeno bilhete.

— Sim? – Me viro e então vejo o Alê, o melhor amigo do André parado na porta da sala de aula.

Seu uniforme de policial estava com uma grande mancha de sangue nos braços e tórax, seus braços caem ao lado do corpo como se estivesse sem vida, sem força o suficiente para se mover e suas mãos tremem, algo assustador para um homem daquele porte.

Sinto meu coração despencar dentro do peito e um sentimento que há muitos anos não me visitava mais, volta como um fantasma para me assombrar: o medo. O medo da solidão, especificamente.

Quando volto a falar, minha voz está quase esganiçada por conta do bolo que se forma em minha garganta.

— Alexandre, o que aconteceu?

— É o André.

Sinto que meu coração vai explodir dentro do corpo, minha boca se abre e eu tento puxar o ar enquanto apoio minha mão sobre a mesa. Minhas

pernas falham até que os joelhos se encontrem no chão e eu sinta a dor irradiar em minhas pernas.

QUARTO
24/12/2010

11:23

— Pedroooooooooooooo – grito o mais alto que consigo enquanto desço a escada de casa, marchando como se fosse um soldado. Um soldado muito alterado, por sinal.

— Catarina, eu posso saber que gritaria é essa? – Minha mãe pergunta, surgindo na sala enquanto eu vasculho o espaço com o olhar, tentando encontrar o idiota do meu irmão. – Será que nem na véspera do Natal vocês me dão sossego?

— Cadê aquele imbecil? – Questiono, ignorando suas perguntas. E rapidamente me arrependo das palavras que acabam de sair de minha boca, já que minha mãe me fuzila com o olhar e eu me irrita mais ainda.

— Já falei que não quero ver você chamando seu irmão desses nomes – ela me repreende enquanto balança o dedo indicador na minha frente, claramente furiosa. – Vocês não aprendem nada!

—Mãe... – eu respiro fundo, tentando me acalmar para poder provar o meu ponto, que é o de que meu irmão é um grande babaca. – O Pedro é um imbecil – digo enfatizando o “é”, para que ela perceba que eu não estou falando isso da boca para fora.

Ela não questiona mais nada, apenas suspira profundamente, joga as mãos para o alto e sai de volta para a cozinha, enquanto eu sinto o cheiro de cebola queimando. Merda! Agora eu vou ser a culpada por ela ter queimado as panelas...

— Catarina, está vendo só? – Ouço a sua voz que vem da cozinha, sei que ela está falando estressada, mas tudo que ouço é quase um sussurro dado à distância. Ainda bem! Meus ouvidos agradecem... – Olha o que você me fez fazer...

— JÁ SEI! – Grito, sem querer. Tento segurar a risada maléfica que se forma na minha mente. Ah, eu já sei onde esse moleque está e ele me paga. Ah, se ele me paga.

Passo pela cozinha cuidadosamente, enquanto minha mãe está cortando mais cebolas para poder dourá-las novamente, ela me olha atravessado, com o rosto vermelho e os olhos cheios de lágrimas, quando abre a boca para me

dizer algo, eu apenas levo o indicador até a minha boca em um gesto de silêncio. Seu olhar é de reprovação, mas logo ela deixa escapar um sorriso e balança a cabeça.

Sorrio de volta, em cumplicidade e gratidão. E continuo andando, com cuidado abro a porta do fundo, mas nem toda a precaução do mundo evitaria que um balde de líquido se virasse sobre a minha cabeça.

Não.

Acredito.

Nisso!

— *Eu vou te mataaaaaaar!* – Grito desesperada enquanto passo a mão pelo meu cabelo, que eu tinha acabado de lavar e agora sinto o cheiro de... Desinfetante?

— Pedro, eu vou arrancar cada unha sua, uma a uma e sorrindo enquanto faço isso! – Grito enquanto saio marchando pelo quintal de casa em busca de meu irmão idiota.

Eu teria demorado muito para perceber que ele estava escondido em cima da árvore do vizinho – aliás, como ele foi parar ali? – se ele não estivesse quase explodindo de tanto rir. O que só aumentou ainda mais meu ódio.

— O que está acontecendo aqui? – Minha mãe aparece novamente, colocando a mão no batente da porta da cozinha e olhando para mim parada no quintal, rapidamente ela percebe para onde minha atenção estava direcionada e então seus olhos se arregalam. – Desça! – Ela falou com tanta firmeza que não foi necessário mais nenhuma palavra para que meu irmão parasse de rir e descesse da árvore, com o rosto pálido.

— Mãe – comecei a falar novamente, com uma voz calma tentando ver se isso surtia algum efeito em meu favor, mas ela me lançou um olhar fulminante que fez com que eu me desesperasse no mesmo minuto. – Foi ele quem começou!

— Eu nada! – Pedro gritou se defendendo enquanto se sentava no muro que dividia nossa casa da do vizinho, e então entrou no nosso quintal.

— Foi você sim! Você colocou cola dentro do meu pote de hidrante! – Digo, dando um pequeno chilique ao me lembrar de que passei cola em minhas pernas.

— Você fez o que? – Minha mãe questiona, com o rosto vermelho e os olhos quase saltando para fora do rosto.

— E você configurou o meu notebook para chinês. Você tem noção

de quanto tempo eu demorei mexendo até conseguir colocar em português de novo? – Ele rebate, fazendo o olhar de mamãe cortar dele para mim rapidamente.

— Isso porque você antes colocou esmalte incolor em meu sabonete! – Eu grito, me estressando mais ainda, sem dar chances de que mamãe me desse uma bronca.

— E antes você... Aaaaaaaaah! Mãeeeeeee! – Pedro começa a gritar no mesmo instante que eu, quando mamãe começa a puxar nossas orelhas de tal forma que parecia que iria arrancá-las fora a qualquer momento.

— Chega! – Ela fala novamente, a voz é baixa, mas em uma ameaça oculta, fazendo meu corpo inteiro gelar. – Eu não quero saber de mais uma dessas histórias ou então os dois se verão comigo!

— Tá – eu digo relutante e então ela nos solta.

Eu volto rapidamente para dentro de casa seguindo direto para o meu quarto, bato a porta com força no exato momento em que o Pedro está passando pelo corredor e o ouço exclamar um “bruxa” para mim, mas evito, reunindo todas as forças em mim, abrir a porta e jogá-lo contra a parede, enchendo-o de tapas.

Como eu queria ser filha única!

19:36

No final das contas, acabei pegando no sono. E quando acordei, tudo já estava mais calmo. Meu pai já tinha chegado em casa e jantamos todos juntos o mais rápido possível.

—Temos que guardar um espaço no estômago bem grande para a casa da sua avó – meu pai nos advertiu. – Ela vai nos entupir de comida até todo mundo sair de lá rolando.

Meia hora depois entramos no carro, mamãe e papai na frente, como sempre. Eu e Pedro no banco de trás, o mais distante o possível um do outro. Estamos todo mundo ouvindo a música dos nossos pais e eu finjo me irritar com ela, como sempre acontece quando My Girl começa a tocar.

Mas, no fundo, e isso eu confesso só para mim mesma, eu acho a música linda. E acho mais lindo ainda os olhares que eles trocam enquanto a música toca. Os dedos de papai tamborilando no volante, minha mãe

acompanhando a letra de forma tão baixa que eu só consigo saber que ela está cantando junto por causa do movimento de seus lábios.

Mighty Good Lovin' começa a tocar, então papai abaixa um pouco o som e vira rapidamente a sua cabeça para nós. Eu me espanto todas as vezes que eu consigo reconhecer essas músicas que nenhuma outra *adolescente-quase-adulta* conheceria. A não ser que *essa adolescente-quase-adulta* tenha pais completamente nostálgicos, como eu tenho.

— Então quer dizer que vocês estavam pregando peças um no outro? – Papai questiona, seu tom de voz é reprovador, mas vejo um sorriso sorrateiro invadindo seu rosto. Contenho-me para não sorrir junto com ele porque sei que isso deixaria mamãe uma fera.

Papai tem o sorriso mais contagiante do mundo. É aquele sorriso aberto que mostra bem seus dentes, espreme os olhos, ressalta as bochechas e faz você ter vontade de sorrir junto. Mas mesmo seus sorrisos mais simples e secretos, como esse que ele está tentando esconder agora para conseguir nos passar uma bronca, são contagiantes.

— Não vão me responder? – Ele fala de novo, olhando para a estrada dessa vez.

— Eu apenas queria testar se Catarina ia ficar uma fera mesmo caso eu fizesse aquilo que você disse – Pedro falou baixinho, como se só papai pudesse escuta-lo daquela forma.

— Como é que é? – Pergunto, sentindo o nervosismo me invadir novamente.

— Ah, qual foi! Foi divertido – ele fala aquilo como se fosse uma coisa óbvia.

— Você trocou o açúcar por sal quando eu estava fazendo o suco! – Exclamo, brava e, de repente, escuto uma gargalhada.

Meu pai está todo vermelho não consegue parar de rir e, para minha surpresa, mamãe está do mesmo jeito.

— Mae?!

— Tá vendo, só? Todo mundo acha isso engraçado! —Ele levanta uma sobrancelha, em desafio e eu reviro meus olhos.

— Não acredito que vocês estão apoiando isso – digo aos meus pais enquanto cruzo os braços, claramente chateada diante de tal absurdo.

— Mas você já revidou. Várias vezes! – Meu irmão diz, em defensiva.

Papai pergunta o que eu fiz e então entramos em uma novela, contando cada uma das peças que foram pregadas. Eu já tinha até esquecido de algumas delas, e mamãe fala como quase a deixamos louca, fazendo todo mundo rir novamente.

— Vocês realmente são filhos do Roberto – ela diz, em um tom de desaprovação claramente fingida.

— Meus filhos? – Os olhos de papai brilham e, de repente, eu sei que alguma história passou pela sua cabeça. Ele olha para nós dois no banco de trás e então começa a falar – Crianças, vocês não tem noção do que sua mãe fez comigo quando...

— Roberto! – Ouço o grito da minha mãe em total desespero e meu coração gela quando luzes invadem meus olhos, como um flash de uma gigante câmera.

Os segundos que se seguiram foram os mais lentos que já existiram – ao mesmo tempo em que foram os mais rápidos também.

De repente eu vejo todo o vidro quebrando, atingindo a todos nós, enquanto o barulho de metal sendo esmagado, o corpo de mamãe voando para frente com impacto, um grito escapulindo da minha garganta de forma tão brutal que parecia que iria fazê-la sangrar.

E então eu fui jogada para trás, a cabeça batendo no vidro enquanto o carro escorregava pela pista e meus olhos iam se desfalecendo.

Eu não quero morrer. Por favor. Por favor, não me deixe morrer.

A dor que ia se instalando em cada parte do meu corpo enquanto ouvia Pedro gritando ao meu lado e juntei todas as forças para abrir meus olhos uma última vez. Mamãe e Papai tinham desaparecido e Pedro gritava, seu rosto inteiro estava coberto de sangue, fazendo com que o desespero me atingisse ainda mais, e seus olhos de repente foram ficando sem cor, sem vida...

E então tudo ficou escuro e sem som. E sem dor.

20:02

Eu acordei quando estavam me levando para dentro da ambulância.

Não morri, foi meu primeiro pensamento.

Olhei em volta e vi dois rostos desconhecidos. Sentia meu coração batendo no mesmo ritmo que a sirene. Meus olhos ardiam, assim como o topo de minha cabeça. Dor invadia as minhas pernas.

Tentei ver meu corpo, mas minha cabeça estava completamente imobilizada, assim como todo o restante do corpo. Parecia que eu estava engessada por completo.

O desespero bateu em mim tão rapidamente como quando aquele caminhão apareceu na frente de nosso carro há... Quanto tempo?

— Pai... – falo com a voz rouca, tentando manter os meus olhos abertos, mesmo com aquela luz que vinha diretamente em meu rosto.

— Ela acordou – o rapaz fala para a moça, que está próxima aos meus pés. Ele sorri para mim, embora o seu olhar não demonstre qualquer tipo de alegria. – Você se lembra do seu nome? – Ele me pergunta, com expectativa.

Demoro um pouco para responder, mas não por ter esquecido, e sim porque não conseguia reunir forças para conseguir abrir a boca novamente. E então, enquanto faço esse esforço e lhe digo quem sou, uma dor enorme invade meu peito ao me lembrar do que acabara de acontecer com ainda mais detalhes do que quando abri meus olhos.

— Cadê... – inspiro profundamente, sentindo todo o meu peito doer, o ar entra nos meus pulmões e eles doem como se eu tivesse levado quinhentos socos nas costas, o que me faz gemer de dor, fazendo com que lágrimas se formam no canto dos meus olhos. – Cadê eles?

O rapaz desvia seu olhar de mim para a moça loira que está ao meu lado e então volta a me olhar, sua boca formando uma linha fina de tensão, os olhos refletem uma faísca de dor e temor.

E então eu sinto tudo arder. Eu sinto meu estômago arder. Parece que eu engoli um bastão em brasas, pois a minha garganta queima e cada parte do meu corpo, cada pequena célula, parece se contorcer, tudo junto, em dor.

Eu quero me levantar dali e sair daquele carro, eu quero poder me libertar do que quer que esteja prendendo o meu corpo. Eu quero poder gritar e me jogar no chão. Eu quero poder sair correndo até onde meus pais e Pedro estão. Eu quero me jogar neles, sentir o perfume de mamãe, ver o sorriso de papai e poder bagunçar o cabelo de Pedro enquanto o ouço reclamar que não é mais uma criança.

Eu quero ter eles perto de mim e senti-los vivos. Quero sentir a

respiração deles e ouvir os seus batimentos, quero sentir a pele deles, quente, com sangue correndo em suas veias. Quero entrar em contato com seus olhos e sentir que tudo isso não passa de um pesadelo.

E se eu não puder sentir mais nada disso... Se eu não puder mais tê-los comigo... Eu simplesmente prefiro que eu também não esteja mais respirando. Eu prefiro não sentir mais nada que me faça lembrar que estou viva. Porque eu não aguento mais sentir o peso da perda deles. E eu apenas acabei de saber disso.

Como eu poderia viver sem aqueles que eu mais amo?

Como é possível em poucos minutos eu perder as três pessoas que eu mais amo?

22:48

As horas que se seguiram no hospital foi um absoluto tormento. Eu sentia que a minha mente estava vazia. Mas ao mesmo tempo eu tinha tantos pensamentos circulando dentro da minha cabeça. Ideias que vinham e saiam da minha mente com uma rapidez absurda e me deixavam ainda mais enjoada.

Eu já tinha vomitado duas vezes, uma na ambulância e outra assim que me falaram que iam ter que dar pontos na minha cabeça. Mas o motivo mesmo de eu me sentir assim não era pela dor física. Não era pelo medo dos pontos, dos cortes nas pernas e braços que estavam sendo costurados. O motivo era o fato de que eu não sabia mais o que aconteceria com minha vida dali em diante. Eu não fazia ideia do que iria me acontecer. Eu não fazia ideia do que fazer. Eu nem sei se há algo de fato que eu pudesse fazer.

Eu estava sozinha.

Para sempre.

E isso foi a coisa mais aterrorizante que já passou pela minha cabeça.

Eu não era mais filha.

Eu não era mais irmã.

E então eu me lembrei do que pensei, do que... Céus! O que eu fui desejar? Horas atrás, quando bati a porta do meu quarto e desejei, sinceramente,

que queria ser filha única.

E agora eu não tenho mais irmão.

Nem pai.

Nem mãe.

Eu não tenho mais ninguém.

Como isso foi acontecer?

— Querida, preciso que você tente ficar parada – a enfermeira que está dando três pontos no meu braço fala. Sua voz é bem doce, o que combina com seus olhos castanhos, cor de mel. Lembra muito os olhos da minha mãe e isso faz com que eu tenha ainda mais vontade de chorar.

Eu aceno positivamente, enquanto tento engolir o meu choro que de repente me fez começar a soluçar e tremer, mas isso é uma tarefa difícil, porque minha respiração está completamente irregular, o medo está me dominando, tomando para si cada parte de mim, cada pensamento, cada possibilidade. Ele está tomando-me de mim mesma. Ele está me possuindo.

Inspiro e expiro várias vezes, tentando a cada uma delas ficar mais calma, mas meu lábio começa a tremer e eu sinto meu nariz começar a escorrer, as lágrimas descem pelo rosto de forma descontrolada.

E eu me sinto tonta de novo.

E com vontade de chorar até não restar uma gota de água em todo o meu corpo.

Eu queria que a dor fossem lágrimas, e a cada vez que uma escorresse pelo meu olho, uma parcela de dor também se fosse.

Mas não é assim que as coisas funcionam. Não é assim.

Porque a vida nunca vai facilitar, não é?

Eu tento me acalmar, e Luci, a enfermeira que está me costurando no momento, tenta fazer o seu trabalho da melhor forma possível diante das circunstâncias que ela tem.

E assim se seguem os minutos seguintes, os únicos que eu tenho para conseguir pensar com clareza, porque logo mais eu terei que tomar decisões importantes como se fossem escolhas banais. E a dor precisa ir embora ou, pelo menos, abrir espaço para que a racionalidade possa operar por alguns minutos antes que eu volte a desmoronar por completo.

Então eu volto a respirar profundamente e tento afastar todos os pensamentos para longe de minha mente. Eu apenas continuo pensando que tenho

que pensar em nada. E tento me concentrar na respiração enquanto foco em coisas aleatórias, como tentar contar 100 de trás para frente, depois contar de 2 até 100 apenas em números pares.

Mas a cada minuto que eu consigo separar minha mente da dor, uma lembrança furtiva invade a minha mente e eu me sinto invadida. E me sinto uma traidora.

Mas no fim das contas, entre contagens sem sentido e lembranças dolorosas sendo afastadas da mente, os minutos passam, mais rápidos do que eu imaginava.

Rápidos demais para decisões. Demorados demais para a dor.

Sento na recepção e fico ali, sem sequer saber o que mais eu posso fazer, depois de ter levado dois pontos na bochecha, quatro no braço e ter engessado uma perna. Depois de eu ter perdido tudo que eu mais amava.

O que eu preciso fazer agora? Como eu vou fazer qualquer coisa nesse momento? Como eu vou viver com tudo isso? Como tudo foi acabar assim? Em um momento mais rápido que um piscar de olhos, tudo que eu tinha foi perdido.

— Catarina Brandão? – Ouço uma voz me chamar e só então percebo o quanto eu estava em outro lugar, pois meu susto é tanto que parece que eu acabei de tomar um choque.

Levanto rapidamente no mesmo instante e então vejo que foi um jovem médico que me chamou. Sou incapaz de deixar a voz sair da minha boca, então apenas aceno com a cabeça e ele continua.

— Nós fizemos de tudo o possível, mas não conseguimos reanimar o seu irmão... Infelizmente, ele veio a falecer às nove horas e dezessete minutos dessa noite.

O que?

O que ele acabou de me dizer?

— Não entendo – digo com a voz embargada sentindo uma onda de confusão me invadir. Antes eu estava com medo, em pânico, com dor. Mas não confusa. – Que horas são?

— Nove e trinta e... seis – o médico diz conferindo em seu relógio de pulso, ele está com o olhar confuso, as sobrancelhas unidas e me analisando com cautela. – Você sabia que ele chegou vivo ao hospital, não?

Eu apenas balanço a cabeça em negativo.

Sinto que não tenho mais forças para ficar em pé.

Sinto, não. Tenho certeza.

Eu não tenho mais forças para nada.

E isso é comprovado no momento em que sinto minhas pernas derreterem até que eu caia no chão, ouço o barulho do meu joelho no piso branco e limpo do hospital, ouço o médico chamar meu nome novamente, mas eu apenas caio.

Eu apenas estou sem força para mover um dedo.

Mas eu tenho força para gritar. E de repente é como se eu quisesse expressar tudo que eu sinto com um som, então eu abro a minha boca e deixo que um grito escape. Mas não é o grito de uma garota. Não é um grito de uma menina que está sofrendo. O som não é fino e agudo.

É um som feio. É o som mais horrível que já chegou aos meus ouvidos. É uma mistura de gemidos com grunhidos, frustração e desejo de morrer. E se eu pudesse dizer que a dor tem um som, sem dúvidas é esse. É um grito brutal, tão forte e doloroso que eu sinto que está ferindo minha garganta. Eu sinto que esse grito está me rasgando tanto quanto a dor que parece que está rasgando meu peito. Como se eu fosse uma folha de papel, solta e frágil.

.

QUINTO

17:57

02/12/2016

— Catarina? Você acordou? – Ouço a voz de uma mulher falando suavemente e então abro meus olhos com dificuldade.

Tento focalizar o rosto em minha frente até que percebo que é a Ana, ela está com seu uniforme de enfermeira e eu sinto meu coração pesar novamente.

— Como ele está? – Pergunto rápido, embora estivesse me lembrando vagamente do que aconteceu entre o momento em que cai no chão da sala de aula e logo em seguida meu corpo desmoronou por completo até que eu acordasse agora.

— Está em cirurgia ainda – ela diz com uma expressão de dor no rosto, olha apreensiva entre as cortinas que nos separam do restante do quarto e dos outros pacientes, e então se senta na beirada da maca, eu me sento também e puxo minhas pernas até que elas encostem-se ao meu peito e eu as abraço.

— Em cirurgia? Aqui?

— Não. – Ela me olha apreensiva e sinto meu coração acelerar.

— O que? Onde ele está? O que aconteceu? – Minha garganta começa a arder como se tivesse passado por ali uma lixa e sinto meu coração voltar a acelerar descontroladamente, o seu pulsar frenético quase chega a doer dentro do peito e me sinto cansada rapidamente. – Onde ele está?

Ela me olha com dor, com pena, com cuidado, mesmo comigo quase gritando com ela. Tudo isso faz com que eu fique ainda pior e o meu coração se aperte tanto que é como se de repente o meu peito fosse pequeno demais para abrigá-lo ali.

Sinto meus olhos arderem, mas o choro não vem. E pela primeira vez na vida eu desejo chorar até soluçar, para ver se assim, de alguma forma mágica, todo esse peso que tomou meu coração desaparecesse em forma de lágrimas.

— Eles estavam em uma operação em uma fazenda já próxima de Garuva, quando foram confrontados. Houve uma troca de tiros deles com uns homens que deveriam ser os capangas que trabalham ali na fazenda. Um deles levou um tiro na perna, o outro levou um tiro de raspão no ombro.

— E o André? – Pergunto levantando o tom de voz instintivamente e aperto ainda mais as pernas contra o corpo até que meu queixo se apoie nos joelhos.

— Não está bem... – Ela fala calmamente e estica sua mão até que se encoste o meu braço. – Ele, infelizmente, levou um tiro no abdômen e a bala ficou alojada perto de uma artéria. Ele foi levado direto para Joinville, pro Hospital São José, já que precisará de uma UTI para a recuperação nos primeiros dias de pós-operatório. Mas agora ele está em cirurgia para a retirada da bala e também para reparar os danos que o disparo causou.

— Ele... – respiro com dificuldade, sugando todo o ar que consigo e reunindo a força necessária para conseguir terminar essa frase. – Ele vai sobreviver?

De repente um nervosismo ainda maior toma conta de mim, falar isso em voz alta parece que faz com que as possibilidades de que meu maior pesadelo se torne realidade, e então começo a sentir todo o meu corpo tremer, a respiração fica falha e eu tento puxar o ar pela boca com força até que a garganta doa.

— Ah, Catarina... – ela fala sussurrando e então se levanta e me puxa em um abraço enquanto passa as mãos em meus cabelos, em uma tentativa de me acalmar. – Se Deus quiser, ocorrerá tudo bem e em poucos dias ele já estará de volta em casa.

Balanço a cabeça em confirmação, mas não consigo enxergar nada a minha frente, tudo volta a ficar desfocado, os barulhos e as vozes de fundo se tornam apenas zunidos sem sentido e sinto minha respiração ainda mais pesada e difícil.

— Eu estou orando, todo o tempo – ela me diz e vem até perto de mim, colocando suas mãos em meus ombros, tentando focalizar meu olhar no seu, mas eu não consigo fazer qualquer outra coisa a não ser balançar a cabeça para cima e para baixo. – E sei que todos os outros estão em oração também.

Continuo balançando a cabeça, sem qualquer desejo de parar aquele movimento, como se isso fosse ajuda-lo de alguma maneira. Sinto o ar entrando pela boca e pelo nariz com dificuldade e começo a ofegar.

Meus olhos estão ardendo e eu nunca quis tanto chorar em minha vida, mas não vem nenhuma lágrima até eles. Minha garganta está seca, meus lábios começam a ficar rachados de tanto respirar pela boca em uma tentativa falha de conseguir acalmar o meu corpo.

— Não se esqueça – ela diz e segura meus braços, me forçando a olhar para seu rosto, que permanece desfocado em minha visão turva. – Todas as

coisas contribuem para o bem.

Continuo balançando a cabeça, para cima e para baixo várias vezes seguidas, sem conseguir me concentrar em nada a não ser em uma oração repetitiva em minha mente, implorando, suplicando, para que o André conseguisse sair dessa.

— Catarina? — Ela me chama depois de algum tempo que poderia ter sido um minuto ou uma hora, eu não saberia dizer.

— Sim? — Respondo com a voz fraca, ainda buscando forças para assimilar tudo.

— Você desmaiou quando o Alexandre foi à escola, por isso ele te trouxe direto para aqui — ela me diz com a voz baixa enquanto acaricia meu braço com a palma de sua mão.

— Tudo bem, mas eu posso ir para lá? Eu preciso ficar perto dele.
— Digo me sentindo ainda mais nervosa. — Eu preciso estar lá.

—Você pode até ir, mas não vai adiantar. Ele vai estar em cirurgia pelas próximas horas, depois deve seguir para a UTI e até você poder vê-lo... Bom, isso vai levar um bom tempo.

— Não me importo! Eu quero estar lá — falo rapidamente, jogando minhas pernas para fora da maca, mas antes que eu pule dali, Ana me impede, colocando a mão sobre o meu joelho.

— Eu entendo, mas você passou mal e precisamos que você fique aqui mais um pouco para podermos fazer um exame de sangue e conferir se está tudo bem — ela fala calmamente, mas usando sua ‘voz de enfermeira’. —Você tem passado mal nesses últimos dias?

—Não! — Digo rapidamente. —Eu estou bem, não sou eu que estou em uma sala de cirurgia com o peito aberto enquanto retiram uma bala de mim! — Grito sem querer. Sinto meu corpo todo estremecer a cada palavra dita e um nervosismo me consumir.

De novo isso não, de novo não...

— Catarina, eu entendo — ela fala com sua voz suave, voltando a parecer mais com minha amiga do que com uma profissional. — E você vai para lá, mas só depois que sair esse exame. Você está muito nervosa.

Respiro fundo e sinto minha cabeça pesar novamente, seguindo de uma tontura e uma vontade absurda de vomitar, antes que eu possa dizer qualquer coisa, tudo aquilo se mistura e sinto um alto refluxo invadir meu esôfago, me obrigando a me virar para fora da maca em que estou sentada.

— Está vendo só? — Ana me olha convencida enquanto segura os

meus cabelos e eu apenas reviro os olhos.

— Faça logo esses exames, eu preciso sair daqui o quanto antes –
digo depois de me recuperar.

SEXTO

23:47

31/12/2012

— Você sabe que eu sei que estamos na praia, né? – Pergunto levando as duas mãos até meu rosto e passando os dedos pelo tecido da venda que cobre meus olhos.

— Você está com os olhos tapados e não os ouvidos, Catarina – ele diz rindo. – Óbvio que sei que você está ouvindo o som das ondas.

— E sentindo o cheiro... – digo respirando fundo e deixando que todo aquele ar fresco entrasse em meus pulmões e me acalmasse. Não que eu estivesse nervosa, embora uma ansiedade insistente inquietasse meu estômago por não saber exatamente onde estou e o que o André está fazendo.

Ele leva as suas mãos até o meu pescoço, pousando-as em meus ombros e apertando-os de maneira leve e firme, como somente ele sabe fazer. Respiro fundo novamente pensando em tudo que tem acontecido nesses últimos seis dias.

Foi uma semana bastante intensa em que eu e André nos vimos todos os dias. No começo eu estava relutante com tamanha aproximação, especialmente quando comecei a me dar conta do que estava acontecendo.

Na verdade, desde o momento em que nos vimos eu já estava percebendo que era uma má ideia. Eu tive, ao longo desse um ano, uma imagem excelente do André em minha mente, como esse cara bonito, corajoso e engraçado. Mas eu achava que isso era apenas uma visão distorcida. Era boa demais para ser verdade. E, bem, eu estava abalada demais emocionalmente para conseguir pensar com tanta clareza nessas coisas.

Mas então eu o vi de novo. E era como se meu coração estivesse rindo da minha cara e apontando o dedo enquanto dizia: eu te disse que ele era tudo aquilo que você se lembrava! Mas era tarde demais.

Era tarde demais desde o momento em que ele me beijou. Já era tarde demais quando no dia seguinte ele me chamou para tomar um café e no dia seguinte para almoçar e quando no terceiro dia consecutivo nós fomos ao cinema e ele me beijou novamente. E então quando ele foi conhecer minha casa e quando eu acordei no seu quarto. Em todos esses dias já eram tarde demais.

Sua companhia me conquistava de tal maneira que derrubava qualquer muralha que meu desejo de autocontrole levantava. Era simples, claro e

natural. Nenhuma obrigação ou sentimento imposto, tudo apenas fluía.

Estava claro que era para ser.

E era tarde demais para não ser.

Mas eu não podia negar que as coisas estavam acontecendo rápido demais e foi como se o ano em que passamos sem ter nenhuma notícia um do outro não tivesse existido. Era como se tivéssemos parado no momento daquele beijo em cima das pedras e automaticamente tivéssemos pulado para o dia que bati no portão de sua casa.

Os doze meses entre um evento e outro pareciam já não ter mais importância. Todos os dias vagarosos e entediante, as semanas demoradas que se arrastam ao longo dos meses, cada virada da folhinha do calendário e os acontecimentos que recheavam seus dias. Nada disso parecia ter muita relevância mais.

Não quando eu estava perto dele.

Ou quando estava pensando nele.

Ou seja, nada disso tinha relevância em nenhum momento.

E era assim que eu me sentia de verdade. Mesmo ainda tendo diversos pesadelos à noite com minha família, mesmo tendo ondas de dor e lembranças vindo à mente, nada disso tinha um peso tão grande mais como tinha antes quando eu estava próxima do André.

Ele fazia com que eu me sentisse mais do que uma pessoa importante. Ele fazia com que eu me sentisse viva. E a cada dia ao seu lado parecia um aprendizado novo, uma nova forma de rir, de ouvir, de ver. Era como aprender a viver sem traumas e dores.

Por isso, mesmo que no fundo do meu coração uma pequena onda de desespero me cercasse, tudo era abafado por momentos como esse, em que ele me tocava e uma corrente de energia percorria meu corpo, me causando uma leve euforia e ao mesmo tempo serenidade e paz.

— Antes de eu tirar a sua venda – ele disse baixinho perto do meu ouvido de uma forma que eu podia sentir sua respiração falhando próxima ao meu pescoço e seu hálito quente passar em minha pele. – Eu quero que me prometa que você não vai correr, que não vai se assustar, que não vai sair gritando e muito menos que vai ficar paralisada e em choque.

— Do que você está falando, André? – Pergunto rindo com um leve nervosismo já me consumindo.

— Você saberá, mas antes eu quero que você me prometa isso. Você pode ou gostar muito, ou ficar com muito medo. No primeiro caso eu aceito

um beijo como resposta, no segundo eu espero que você possa conversar em vez de fugir.

Respiro fundo e então sorrio, me virando para ele e levando minhas mãos até o seu rosto, movimento meus dedos cuidadosamente enquanto leio com o tato as suas feições.

— Eu prometo – digo, sentindo meu coração em paz e ao mesmo tempo tumultuado com tanta curiosidade, com tantos sentimentos crescendo de forma desesperadora dentro de mim sem nem me darem tempo de assimilar tudo isso.

Então ele leva suas mãos até a parte de trás da minha cabeça e desamarra os dois nós que deu no tecido. Finalmente posso voltar abrir meus olhos, mas quando faço a ameaça de me virar para conferir a praia, ele me segura pelos ombros.

— Espera. – Seus olhos me analisam de forma apreensiva. Seu lábio inferior treme levemente de uma forma quase imperceptível que possivelmente eu não teria visto se não estivesse o analisando tão de perto.

— Eu estou morrendo de ansiedade... – eu digo e faço minha melhor cara de cachorro que caiu da mudança no meio da chuva.

Ele dá um sorriso de leve que sempre derrete meu coração. Pergunto-me se isso vai ter sempre o mesmo efeito e se tem um ‘sempre’ pela frente para eu poder comprovar se irá ou não.

— Tudo bem, o que foi?

— Antes que você se vire, eu quero te falar umas coisas – ele diz e respira fundo, balança seus braços ao lado do corpo e, então ele segura as minhas mãos.

— Ok... – digo, sentindo um tipo diferente de agitação percorrer meu corpo e pulsar o meu coração.

— Quando eu saí daquele hospital, eu passei exatamente um mês checando no sistema todos os casos de suicídio, de acidentes de carro com mortes, de acidentes suspeitos. A cada vez que eu ouvia que uma jovem tinha morrido de uma forma inusitada, eu me assustava. E quando eu via que não era você, eu respirava mais aliviado, por mais que isso sempre fizesse com que eu me sentisse uma péssima pessoa em me sentir dessa maneira diante da morte trágica de alguém. Mas eu me sentia, porque uma parte egoísta de mim sabia que não era você.

Sinto meus olhos ardendo e meu coração batendo tão forte que praticamente podia escutá-lo pulsando sangue desesperadamente por todo o meu

corpo.

— Ao longo dos meses, outras coisas foram ocupando a minha mente, mas eu nunca conseguia tirar o seu rosto da minha memória. Aquele dia passava sempre em minha cabeça como um filme antes que eu fosse dormir, desde o momento em que te encontrei naquela pista, aquela primeira vez em que te vi, até o momento em que te vi caindo daquele penhasco e, então, quando te deixei no quarto de hospital.

“Nada daquilo saía da minha cabeça e era para mim uma grande tortura não saber onde você estava e o que estava acontecendo contigo, mas eu não tinha mais coragem de te procurar, só queria realmente ter certeza que você estava viva, ou pelo menos que estava bem. Eu estava ferido com tudo aquilo. Você me marcou de uma forma diferente, que me dava um misto de indignação com curiosidade. E você despertou sentimentos em mim naquele dia. Sentimentos muito fortes e muito além de uma simples empatia por uma pessoa. Eu não sabia se havia reciprocidade naquela época, e também não estava disposto a dar nenhum passo sabendo que você estava tão abalada emocionalmente e confusa daquela forma, não seria justo e nem certo. Mas agora eu sinto isso de ti, sinto que, de alguma forma, estamos no tempo certo, da forma certa e que somos as pessoas certas. E é o que está me dando coragem de prosseguir com isso, porque está tudo acontecendo rápido demais, eu sei disso, mas eu não me assusto e não quero que você se assuste também, porque eu sei que estamos certos.”

— Não estou assustada – eu digo sentindo meus olhos se encherem de lágrimas por conta de todas as suas palavras.

Embora no fundo houvesse uma pequena faísca de medo que ameaçava me incendiar a cada novo passo que dávamos e a cada nova confissão, a cada vez que compartilhávamos algo especial sobre nós, mesmo com essa pequena sombra de medo, eu também sabia que o queria em minha vida. E a cada dia que passava o querer ia se transformando em uma necessidade.

— Eu queria poder expressar nas minhas palavras o quanto eu estou feliz em te ter agora em minha vida, mas isso é impossível. Você passou a ser mais do que uma pessoa a quem eu podia ajudar, alguém por quem eu queria poder provar que era capaz de ser um super-herói e salvar de um fim trágico. Eu sei que fui egoísta quando tentei te usar para isso, mas através disso tudo eu aprendi muita coisa.

“E então você me conquistou de uma forma que... Você estar viva não é mais uma questão de honra, de orgulho, de promessa ou de apenas empatia. É uma questão de amor. Do amor que a cada dia que passa você me faz sentir. O amor que é cultivado em meu coração a cada vez que você sorri, a cada vez que

escuto uma gargalhada sua, a cada vez que você segura a minha mão, a cada vez que minha boca encosta na sua, a cada vez que você respira profundamente enquanto assistimos a um filme e quando tenta esconder que não está chorando ao ver um final feliz, a cada vez que você diz um “alô” e eu respiro fundo pensando no quanto eu sou abençoado por ter você e por você estar ainda aqui.”

— André, eu não sei o que dizer... — falo sentindo as lágrimas quentes descerem pelo meu rosto e, ainda segurando minha mão, ele eleva a sua até que o seu polegar enxugue o meu rosto.

— Eu sei que é cedo. Eu sei que pode ser aterrorizador. Mas eu sei o que eu quero. E isso não é coisa de momento, porque a certeza que sinto no meu coração me diz isso. Eu quero você para sempre comigo, eu não quero mais ficar longe de você.

Antes que eu possa dizer mais qualquer coisa, ele solta as minhas mãos e me segura pelo ombro, me virando levemente até que eu possa finalmente enxergar o que está atrás de mim.

Um suspiro sai de meus lábios quando eu vejo o que ele preparou para mim.

Um “*Casa Comigo?*” está formado na areia com velas dentro de pequenos copos de vidros que iluminam aquela noite escura de réveillon.

Minha boca se abre em um “O” instantaneamente, eu levo minhas mãos trêmulas até ela e se antes meu coração já estava queimando de felicidade, agora ele estava incendiado. O André vem até minha frente, ajoelha-se e então puxa uma caixinha de dentro do bolso de sua calça.

— Catarina, você me disse que eu sou o motivo de você estar aqui ainda, mas te amar, cuidar e te proteger é a motivação que eu quero levar até o meu último dia de vida. Você me dá a honra de poder fazer isso?

— Sim! — digo sorrindo, sentindo que a felicidade em meu coração é grande demais para a minha boca poder demonstrar isso em um sorriso.

Ele coloca o anel em meu dedo e então beija a minha mão trêmula. Quando ele se levanta e me beija, eu sinto que meu coração poderia explodir a qualquer momento e me pergunto como é possível ser tão feliz assim.

Dois anos atrás eu jamais poderia imaginar que toda aquela dor um dia fosse passar, que tudo aquilo diminuiria a importância até parecer ínfimo. E, naquela época, aquilo tudo era a única coisa que eu conseguia enxergar em minha frente, todos os traumas, os medos e as inseguranças.

Hoje, nesse momento, eu não consigo mais sequer me lembrar de como um dia minha infelicidade foi grande a tal ponto de que eu me esquecesse

de que poderia ser feliz novamente. Em compensação, eu não fazia ideia de que existia uma alegria como essa.

Antes que nossas bocas se separem, fogos surgem no céu. Ele se afasta devagar e eu seguro-o pelo pescoço enquanto as nossas testas se encostam e trocamos respirações profundas em meio às luzes que explodem acima de nós em estrondos quase tão barulhentos quanto as batidas do meu coração.

— Bem vindo ao começo do resto de nossas vidas – digo sorrindo e ele me beija novamente.

SÉTIMO

19:52

02/12/2016

Ando de um lado a outro pelo corredor do hospital enquanto espero meu nome ser chamado para que eu possa ver o médico e sair daqui o mais rápido o possível.

Depois de ter passado mal na enfermaria, a Ana fez a questão de fazer um grande alarde sobre como eu não estava nada bem, o que acabou me obrigando a fazer diversos exames “rápidos” para checar minha saúde antes que eu pudesse ir até Joinville.

O que estava me matando de ansiedade não era o simples fato de querer saber o resultado dos exames, pouco estava me importado de fato com o que iria dar lá – que eu sei que será um grande nada -, mas o que me deixava aflita de verdade era saber que eu ainda estava em Itapoá enquanto o André estava sendo operado, sem ninguém lá esperando por ele.

— Querida! – Alessandra anda apressadamente até mim, tento sorrir para ela, mas tenho quase certeza que tudo o que consegui expressar foi uma careta. – Como você está?

Não consigo lhe dar uma resposta, por mais que eu tenha me esforçado em pensar em uma. O que poderia dizer? Estou bem, de saúde, fisicamente, por mais que a Ana esteja me infernizando ao dizer o contrário.

Mas o meu coração... Ele está completamente despedaçado. Então eu jamais poderia dizer nesse momento que me sinto bem, que está tudo certo. Pois eu sei que não está.

— Estou esperando o atendimento – digo enquanto levo novamente o dedo mindinho à boca, mas não tem nenhum pedaço mais de unha ali para ser roída.

— Sim, Ana me telefonou contando que você estava passando mal e precisava ver o médico. Ela disse que você queria ir para Joinville, por isso vim até aqui com o Ricardo, podemos te levar até lá – ela fala suavemente, como sempre faz.

Não sei como consegue ter tanta paciência ao falar, mas a Andressa consegue acalmar qualquer pessoa em qualquer momento.

Parece que ela simplesmente tem não só a palavra certa no momento certo, mas especialmente o jeito certo de falar, de olhar e agir perto de

alguém que está prestes a ter uma crise, seja lá qual for. Talvez essa seja uma característica que Deus acaba moldando na mulher que se casa com um pastor. Ou talvez essa seja uma característica básica para quem se casa com um.

— A Ana é exagerada – digo enquanto me sento ao lado dela.

— Sim. – Ela ri rapidamente, mas então volta à expressão normal e segura meu braço. – Mas é melhor você conferir se está tudo bem. Se quiser eu entro com você, caso esteja nervosa.

— Tudo bem, eu estou bem. Sei que não vai dar nada, apenas quero ver logo o André. – Respiro fundo e sinto meus olhos arderem novamente, mas nenhuma lágrima ameaça em vir.

Eu sei que se eu chegasse agora no hospital eu não poderia ver o André. E eu sei que ele está em cirurgia, o que significa que ele nem saberia que eu estaria lá, esperando por ele. Mas de alguma forma eu sentia que deveria fazer algo, que deveria ter algo. Eu não posso simplesmente ficar longe dele assim.

— Catarina Brandão Viana? – Ouço uma voz me chamar dentro da sala que agora está com a porta entreaberta.

— Vai dar tudo certo, Cá – Andressa me diz enquanto aperta minha mão rapidamente.

— Espero que sim. E eu agradeço pela carona, vou querer, se não for incomodar muito vocês – digo sorrindo.

— Não vai! Estamos aqui para isso. Espero você aqui – A Alê sorri e eu tento corresponder da mesma forma.

Entro naquela sala com meu coração aos pulos, ansiosa para sair daquele lugar o mais rápido o possível. No fundo, eu sinto que o André está em casa, apenas me esperando e tudo isso não passa de uma brincadeira sem graça ou um grande pesadelo do qual eu estou prestes a acordar.

Mas eu sei que nada disso é uma farsa.

A realidade pode ser cruel.

E, na maior parte das vezes, ela é.

— Catarina, pode se sentar.

O médico diz enquanto eu fecho a porta atrás de mim. Ele é jovem, deve ter no máximo trinta anos. Tento reconhecê-lo, mas não consigo me lembrar de tê-lo visto alguma vez na minha vida, o que é algo raro de acontecer aqui na cidade.

— Acho que não nos conhecemos ainda, meu nome é Fernando Vasconcelos, sou o novo clínico geral aqui do hospital. Estou aqui tem apenas três meses. Acabei de saber o que aconteceu com o seu esposo, não o conhecia, mas

sinto muito. Estou na torcida para que ele fique bem – o médico fala calmamente e eu sinto um nervosismo me invadir.

Eu sei que está tudo bem com minha saúde, mas estar dentro de uma sala de hospital, de frente para um médico que segura um exame meu realmente acaba me deixando ansiosa.

— Obrigada – respondo com a voz rouca e um sorriso fraco enfeitando o rosto que possivelmente está pálido. – Bom, tem alguma coisa errada comigo?

— Não, na verdade não tem nada de errado com você. – Ele diz sorrindo novamente, enquanto empilha os papéis que já estavam perfeitamente alinhados sobre sua mesa. – Na verdade...

Ele abre um pequeno sorriso e passa rapidamente a língua pelos lábios, como se estivesse escolhendo as palavras certas.

— O que? – Pergunto nervosa enquanto ele hesita no meio da frase, tenho certeza que minha voz sai muito mais alta do que deveria, mas no momento essa é, sinceramente, a última de minhas preocupações. O Fernando não parece se importar, já que está com um sorriso de canto na boca.

— Catarina, o seu exame de sangue deu que você está grávida – ele diz finalmente.

OITAVO

15:48

09/03/2013

Coloco minha mão para fora da janela do carro, sentindo o vento bater fortemente em meus braços e fazendo com que algumas mechas do cabelo chicoteiem no rosto. Fecho meus olhos por um momento, ouvindo uma música de Frank Sinatra tocar baixinho dentro do carro.

— Poderíamos ter ficado em São Paulo, eu não me importaria – digo sorrindo, abrindo meus olhos, por fim, e olhando para o André que dirige ao meu lado. – Onde eu estiver com você, eu estarei feliz.

— Você é uma gracinha, Catarina, mas você conhece Angra? – Ele pergunta.

— Não. – Sorrio, voltando minha atenção para a estrada novamente já sabendo qual será sua resposta. Tivemos essa mesma conversa umas quatro vezes nas últimas duas semanas.

— Então você não pode dizer que não se importa. Quando você conhecer aquele lugar, aquelas praias, você vai até se arrepender de ter dito isso um dia. – Ele sorri, se virando rapidamente para me ver.

Minha vontade é de simplesmente lhe beijar. Pedir para que ele pare esse carro na beira da estrada só para que eu possa abraçá-lo, estar ali ao seu lado, ouvindo as batidas de seu coração em meu ouvido, sentindo sua respiração no topo de minha cabeça.

Sentir esse tipo de saudade é a sensação mais estranha do mundo, levando em conta que ele está do meu lado, mas é como se eu sentisse uma grande falta dele quando não estamos em contato físico próximo e nem todo o contato físico por mais próximo que seja parece ser o bastante quando estou com ele.

É como um vício.

Como se estivesse lendo meus pensamentos, ele pega minha mão na sua e leva até sua boca, dando um beijo suave no quarto dedo da mão esquerda, exatamente onde ele colocou poucas horas antes a aliança de casamento.

Mal falamos um com o outro no restante da viagem, continuamos a ouvir músicas atrás de músicas, sentindo o vento batendo no rosto e perdidos em pensamentos.

Um ou dois anos atrás aquele silêncio todo teria me trazido ao

coração um grande tumulto. Todo o tempo de quietude e calma me fazia entrar em um oceano de pensamentos que não tinha fim e a cada vez que eu tentava nadar à superfície, eu acabava sendo puxada pelas mais dolorosas lembranças ao fundo novamente.

Por isso, eu poderia odiar todo esse silêncio, se eu estivesse com qualquer outra pessoa do mundo, em qualquer momento passado de minha vida.

Mas na verdade ali tinha uma peculiaridade tão minha e do André, era algo tão singular que aquecia o meu coração saber que eu tinha uma pessoa com quem eu poderia simplesmente ficar em silêncio – e que isso não causava qualquer tipo de dor e desconforto.

Eu poderia passar horas presa nesse momento sem me importar, porque eu sabia que não precisávamos mais de tantas palavras, não precisávamos mais das perguntas a respeito um do outro, de toda a curiosidade inicial, das vontades de descobrir mais e mais um sobre o outro e não queríamos mais as respostas dadas rapidamente e de formas resumidas. Não naquele momento, nem com aquela pressa toda que as semanas anteriores tanto tinham.

Então ficávamos apenas em silêncio, quietos, apreciando a presença e a certeza de que teríamos o futuro inteiro em nossa frente para descobrirmos o que quisermos. Sem precisar mais de palavras apressadas e definições sucintas, poderíamos descobrir da melhor forma tudo um sobre o outro.

Era o que eu achava.

— Acho que não tem nada no mundo que me acalme mais do que ouvir as ondas – digo enquanto andamos pela areia branca daquela praia paradisíaca.

Realmente o André tinha razão, coisa que eu jamais confessaria a ele em voz alta.

— E você ainda queria ficar naquela selva de pedras – André diz, me fazendo revirar os olhos.

O sol começa a se pôr no horizonte daquela água cristalina que rapidamente toma para si tons alaranjados. E eu agradeço, pela primeira vez na vida pela existência do horário de verão e eu ainda poder assistir a isso tudo hoje. O mar começa a ficar tão claro que meus olhos chegam a arder, mas ainda assim eu não consigo simplesmente parar de olhar.

— Eu entendo esse seu amor pela praia, pelo mar – o André diz baixinho após longos de silêncio e me pergunto se estava respondendo para mim

ou para ele próprio, mas não digo nada.

Ele passa a o braço pela minha cintura e andamos um ao lado do outro, com o corpo colado até que ele simplesmente para. Sentamos na areia para assistir aos últimos minutos do sol.

— Sabe, eu estava pensando... – André começa a falar depois de nós ficarmos quietos por um bom tempo. A essa altura o céu já começa a ficar escuro e as estrelas aparecem em pequenas pintinhas brilhantes no azul.

— Recomendo, pensar faz bem – falo e dou uma pequena risada, ele, mesmo se segurando, acaba rindo também.

Viro para o lado e encaro seu rosto, ele rapidamente volta sua atenção para mim e sorri como se essa fosse sua reação natural quando me vê. Gosto de pensar que seja isso.

— Acho que poderíamos nos mudar de São Paulo – ele diz, dando de ombros como se aquilo não fosse nada demais.

— Para onde? – Dou uma risada sem graça e sem conseguir entender de onde surgiu essa ideia completamente nova.

— Não sei, um lugar mais quieto. – Ele volta a me olhar, com sua expressão séria e então percebo que está falando para valer.

— Isso é sério? – Pergunto, sentindo um formigamento no estômago.

— Por que não seria? – Ele rebate.

— E por que se mudar?

— Por que não? – Rebate uma segunda vez.

— Acabamos de nos casar, talvez isso já não seja uma grande mudança? – Falo com a voz mais esganiçada que o normal, sentindo um nervosismo misturado com medo me invadir em grandes doses.

Desde o momento que o revi, no natal do ano passado, senti que as coisas entre nós avançavam muito rapidamente, a começar pelos meus próprios sentimentos que a cada dia iam crescendo mais e mais de forma incontável e completamente assustadora.

O dia em que ele me pediu em casamento foi o melhor dia da minha vida, até hoje. Mas ao mesmo tempo o medo e o nervosismo não saiam de mim. Uma grande placa vermelha em letras garrafais estampava minha mente sempre que eu fechava os olhos para dormir: “Cuidado! Rápido demais!”.

Obviamente, eu ignorei cada uma delas. Mas achei que, pelo menos por agora as coisas iriam acontecer de uma forma mais devagar, mais natural.

Iríamos, por fim, nos acertar com o relógio, encontrar o nosso próprio tempo e parar de correr tanto a ponto de que eu ficasse com a sensação de que estava simplesmente em uma montanha russa que subia, subia e nunca descia.

Eu sinto muito medo quando as coisas estão dando errado. Mas nada me faz ter mais medo do que quanto tudo parece perfeito demais para ser verdade. Por que eu sei, por experiência própria, que quando tudo está indo bem, algum problema está logo a alguns passos. A vida não é tão perfeita assim. Não mesmo.

— Eu apenas acho que poderíamos ir para uma cidade pequena, de litoral, um lugar calmo. Começarmos a nossa nova vida juntos em um lugar novo e diferente do que estamos acostumados. Conhecer mais as pessoas, formar novos laços. Em cidade grande isso não é tão possível. Sem contar que não tem nada que nos impeça de fazer isso agora, não temos uma família a qual somos apegados, nem nada do tipo – ele diz e dá de ombros, voltando sua atenção novamente para o mar a nossa frente, que começa a ficar a cada minuto mais escuro.

— Eu entendo. Mas, para ser sincera, eu gosto de São Paulo, tenho meu espaço individual e me sinto sozinha de um jeito bom. Ninguém se intromete, nem finge se importar em saber como você está e pelo que está passando. Cada um segue sua vida. Eu preciso disso. Eu preciso desse espaço privado preservado.

— Tudo bem, eu entendo, mas convenhamos que lá não é um bom lugar para quando tivermos filhos... – André diz e então sinto meu coração acelerar freneticamente, logo depois de eu senti-lo parando por alguns segundos.

— Filhos? – Pergunto tentando controlar meu susto e olhando para a curva de seu rosto, ele mexe no cabelo, como sempre faz quando está pensando no que dizer ou em como dizer algo, o que me deixa ainda mais nervosa.

— Calma, não é como se eu quisesse que você tivesse um filho daqui nove meses. Mas é bom pensarmos mais para o futuro, daqui uns dois ou três anos, quem sabe. E até lá é bom que a gente tenha a estabilidade necessária, em um lugar bom o bastante para ele, com um emprego garantido e essas coisas.

Viro-me novamente para o mar, sentindo a maresia em meu rosto, o ar úmido do mar prende em meus cabelos deixando-os um pouco mais pesados a cada minuto que passa, e o cheiro da água salgada começa a me deixar irritada e nervosa.

Ouçó por alguns minutos as ondas quebrando na areia e reflito sobre qual é a melhor forma de falar isso. Simplesmente não queria ter que contar nada, queria apenas que os dias se seguissem e esse assunto nunca aparecesse.

Era obvio que eu estava sendo ridícula em pensar que tal alternativa seria possível. Mas eu sei que não é justo com ele, e não será também justo comigo se eu simplesmente ficar quieta sobre.

— André — chamo sua atenção, me viro para vê-lo e ele faz o mesmo até que nossos olhares se encontram, mas antes que ele fale qualquer coisa, eu continuo. — Eu não quero ter filhos. Nem um, nem vários. Nem em São Paulo ou lugar nenhum. Nunca.

NONO
20:03
02/12/2016

— Eu sabia!

Ana dá três pulos seguidos e soquinhos no ar, assim que mostrei para ela e para a Andressa o resultado do exame, ela de repente parece ter virado uma criança de três anos.

— Sabia, sabia, sabia que você estava grávida!

Dou risada de toda a sua emoção e felicidade com a notícia, mas embora uma parte de mim esteja animada em ver como a Ana ficou, a outra parte fica em absoluto desespero.

— Como você sabia? – A Andressa pergunta debochadamente, também rindo da reação da Ana.

— Ela estava toda estranha, diferente sabe? Com esse brilho diferente que mulheres grávidas têm, com aquele mal estar todo mais cedo... – ela diz dando de ombros. – Estava óbvio.

— Bastante profissional o seu diagnóstico, só gostaria de saber por que você não me disse isso antes? – digo sorrindo.

— Como se você fosse acreditar, né? Catarina, você é a pessoa mais pessimista que eu conheço.

Reviro meus olhos e ainda penso em retrucar com ela – embora eu saiba que isso é um trabalho inútil, mas antes que eu pense qualquer resposta a tempo, Alessandra corta nossa pequena e falsa discussão.

—Você já sabe há quanto tempo está grávida?

—O médico disse que são quatro semanas, exatamente – digo sentindo um frio na barriga e uma vontade incontrolável de passar minha mão nela. Não resisto e a acaricio.

É algo surreal, de manhã eu estava vomitando sem ter nenhuma consciência do que estava me causando aquilo, pensara até mesmo que fosse um mal estar. E agora, de repente, eu sei que tem uma vida crescendo, se formando em mim há cerca de um mês.

E então tudo muda.

Há quatro semanas tem uma vida sendo formada e eu sem saber. Durante todo esse tempo um novo alguém, que vai nascer daqui a oito meses e

mudar completamente a minha vida, estava aqui e eu pensando apenas que era um mau estar.

— Isso é tão incrível, Cá

— Obrigada — respondo.

Respiro fundo relembrando as minhas últimas conversas com o André sobre o assunto e sinto um bolo se formar na garganta. Mesmo com tudo que passamos, continuávamos completamente ingênuos a respeito da vida. Fazendo planos como se o dia de amanhã fosse totalmente previsível e a vida seguisse a regra que ditávamos.

A verdade?

Nada acontece como pensamos que acontecerá. E muitas vezes Deus nos mostra da forma mais surpreendente possível que não adianta corrermos atrás do controle de nossas vidas, porque tudo está nas mãos Dele.

Eu não consigo definir nenhum dos meus sentimentos no momento. Parece que eu apenas fui colocada de cabeça para baixo, me sacudiram até toda a minha segurança cair e minha vida estar completamente bagunçada. Novamente.

Estar grávida nunca fez parte dos meus planos; em contra partida sempre foi o grande sonho do André. Brigas e discussões se sucederam ao longo de todos esses anos com essa nossa divergência de sonho a respeito de ter um filho. Enquanto para ele isso significava o começo de uma nova vida, para mim significava ainda mais medos e receios. Significa mais perdas.

E então as coisas mudaram.

Era o sonho dele, o maior desejo de sua vida. E ele sequer está aqui nesse momento para poder ouvir que o que ele sempre quis vai se tornar realidade. E isso é o que mais parte o meu coração.

O que faz meu coração se partir ainda mais. E acaba sendo como se cada pequeno pedaço quebrado dele se quebrasse em ainda mais pedacinhos e quando eu acho que não tem como partir mais, eu sinto uma nova forma de dor, completamente inédita e dilacerante.

E esse é o problema da dor: ela te faz lembrar tudo de bom que você viveu até então e te faz acreditar que você nunca conseguirá se sentir feliz daquela forma novamente.

— Você vai poder contar para ele quando ele sair da cirurgia e ele vai ficar radiante! — Ana diz como se estivesse adivinhando os meus pensamentos naquele momento, sua voz é bem mais calma que antes e eu apenas balanço a cabeça confirmando.

— Você quer ir para Joinville agora? — Andressa pergunta após

alguns instantes de silêncio.

— Sim, por favor. Se vocês puderem me levar... – respondo, tentando conter a euforia em minhas palavras.

— Claro que podemos! Eu vou mandar mensagem para o Ricardo avisando e ele vai nos encontrar na porta – ela diz enquanto pega o celular no bolso de seu jeans e já começa a digitar.

— E eu vou indo, antes que me puxem a orelha por estar aqui esse tempo todo sem fazer nada – Ana diz e logo me abraça. – Vai ficar tudo bem. Deus é bom o tempo todo.

— E o tempo todo Deus é bom – Andressa completa baixinho ao meu lado, abraçando a Ana assim que guarda novamente o celular. – Ele já está lá na frente nos esperando.

Assim que entramos no carro o Ricardo fala suas palavras de pesar pela tragédia, o que torna ainda mais difícil o meu trabalho de me manter em um estado emocional equilibrado naquele momento.

Eu entendo as pessoas e sua necessidade de confortar os outros com palavras em momentos difíceis. O que mais poderia ser falado além de “tenho certeza que tudo ficará bem, não há motivos para se desesperar”? Não resta muita coisa além do silêncio constrangedor e a pena nos olhos.

Entendo também que existem pessoas que acreditam que isso ajuda – e outras que se sentem muito melhores depois de ouvir coisas positivas.

Mas definitivamente esse não é o meu caso. Nem nunca foi.

Tudo que eu preciso em momentos como esse é ficar sozinha e em silêncio, na confusão de meus próprios pensamentos e medos. E toda essa enxurrada de palavras de apoio e essa história de positividade são coisas que nunca deram muito certo comigo.

“Você vai ficar bem”, “Isso é apenas uma provação”, “Você precisa ser forte e acreditar no melhor”. A verdade é que nada disso surte nenhum tipo de efeito positivo em mim. Porque não tem como alguém me confirmar que realmente nada de ruim vai acontecer, que aquilo vai passar logo e que não deixará cicatrizes profundas em mim. Ninguém pode me prometer isso.

Mas eu não digo nada a eles, pois eu sei que é o seu jeito de me ajudar. Como pastor, o Ricardo já tem sempre as palavras certas para cada momento, com aquele falar manso e pacífico, e até mesmo o seu rosto e expressões já parecem adquirir formas automáticas para cada momento. Assim como acontece com a Andressa.

Por isso eu apenas agradeço a cada palavra que ele me fala de conforto, embora aquilo apenas me deixe ainda mais aflita e angustiada, quando meu cérebro grita constantemente “nada vai ficar bem, pare de inventar coisas e tentar me encher de esperanças”.

Quando ele para de falar poucos minutos depois, eu apenas viro meu rosto e encosto a minha testa na janela durante todo o restante da viagem que seguimos sem falar muitas outras coisas, apenas com a Andressa contando alguma novidade entre longos intervalos de silêncio conforme ela mesma se lembra.

E eu continuo a pensar.

Pensar o que será de mim sem o André, caso ele se vá.

O que será de mim com essa criança que poderá nunca sequer conhecer o próprio pai? O que será dessa criança que terá uma mãe tão ferida e castigada pela vida?

Isso seria a pior ironia do destino. Esse era o sonho do André. Era o seu objetivo de vida. Ele seria o melhor pai do mundo. Ele seria um pai muito melhor do que eu jamais serei como mãe, não tenho dúvidas disso.

Quando eu chego ao hospital e falo na recepção quem sou, recebo diversos olhares de pena, uma enfermeira segura em minha mão enquanto diz o quanto sente muito e tece elogios ao André, sobre a sua coragem e braveza.

Sinto o meu coração pesar ainda mais ao perceber que realmente ele foi corajoso, colocando sua vida em risco de tal maneira. Mas ao mesmo tempo sinto raiva justamente pelo mesmo motivo: ele colocou sua vida em risco!

Sinto uma pontada de egoísmo me invadir, e me pergunto se Valquíria se sentiu assim quando Rogério morreu também. Roger, como todo mundo chamava, trabalhava junto com o André e morreu em uma das ações, logo no começo das investigações, poucos meses atrás.

Lembro de ter ido ao enterro dele, falado com Val as mesmas palavras que as pessoas me falam agora, lembro do seu sorriso fraco e olhar desolado, completamente distante. Todos passaram a elogiar Rogério a partir daquele momento, de repente ele era o pai exemplar, o marido excepcional, o homem mais íntegro da cidade.

E ele realmente era, mas só quem o conhecia de verdade sabia

disso verdadeiramente.

E nesse momento, essa mulher completamente desconhecida, começa a elogiar o André, sem saber de suas verdadeiras qualidades. E eu sinto meu coração apertar.

Porque o André é corajoso. Ele foi corajoso desde o momento em que nos conhecemos e ele não se esquivou. Ele foi corajoso quando me pediu em casamento sabendo o quanto eu era quebrada e ferida emocionalmente. Ele foi corajoso, paciente, bom e amoroso comigo, sabendo respeitar meu tempo e minhas escolhas – mesmo quando ele não entendia a motivação delas, mesmo quando o que eu fazia o feria.

E ele é engraçado, amigo, leal. Ele é tão bom que às vezes parece ser de mentira e por isso volta e meia eu apenas toco em seu rosto enquanto rio de alguma piada feita por ele ou quando estamos assistindo a qualquer coisa na TV, apenas para ter certeza que ele é de verdade, embora pareça muito com um sonho.

E lembrar disso tudo agora começa a doer ainda mais meu coração. Dói de uma forma dilacerante. Dói de uma forma única e incrivelmente cruel.

Porque perde alguém nunca é igual.

A dor é sempre diferente.

E parece que é sempre pior.

E eu não sei se agüento mais viver dessa forma, sentindo dor atrás de dor, cada uma mais intensa que a outra.

Busco uma cadeira em um corredor vazio daquela emergência e me sento ali, em silêncio. Fecho meus olhos e abaixo minha cabeça até que a minha testa encontre o meu joelho e fico ali pensando em quais palavras eu poderia usar em uma oração naquele momento. Porque eu tenho muito o que perguntar. Ainda mais o que pedir. Mas nada consegue ser articulado.

Então apenas sinto as lágrimas quentes invadirem os meus olhos e escorrerem pelo meu rosto. E finalmente eu consigo chorar. Agradeço por estar sozinha e que ninguém precisa presenciar essa cena, já que começo a soluçar tão alto que parece que a qualquer momento vou me afogar em meu próprio choro.

Uma dor insuportável toma conta do meu corpo inteiro e eu

escorro da cadeira até me sentar no chão, como se fosse um boneco de gelatina, sem força alguma de reivindicar qualquer coisa que seja.

Não sei quanto tempo eu permaneço chorando ali, sozinha, em um corredor mal iluminado com o cheiro característico do hospital, mas só sei que foi o bastante para que eu ficasse completamente cansada.

‘Eu me sinto completamente sozinha agora’ começo a falar baixinho, ‘eu me sinto sozinha como eu nunca me senti, embora eu saiba que eu não estou só. Eu sei disso, porque Tu me prometeu que eu não estaria mais só desde que me tornei a Sua filha. Mas agora eu me sinto assim. Eu sei que a Tua vontade é soberana sobre a minha e que Tu faz o que é melhor, mesmo que eu não entenda. Você tirou de mim o que era mais importante anos atrás e eu consegui aceitar isso depois de um tempo, mas não sei se agora conseguirei novamente, caso eu precise. E eu não quero ter que passar por nada daquilo novamente, então eu suplico, imploro para que ele sobreviva, porque eu não sei o que vai ser da minha vida sem ele. E eu não quero precisar descobrir.’

Finalizo a minha oração sentindo o coração bater ainda mais rápido. Na verdade é como se Deus não me escutasse nesse momento e como se minhas palavras fossem completamente vazias, como se o céu estivesse protegido por um escudo e nada do que eu falasse estivesse chegando até lá.

Fico com os olhos fechados mais alguns minutos, tomando cuidado para não pegar no sono por conta de todo o cansaço emocional que começo a sentir, mas sem coragem de abri-los e voltar para a realidade, porque no fundo eu espero que algo sobrenatural aconteça e quando eu abrir os olhos, minutos depois, o tempo tenha voltado e eu tenha conseguido impedir o André de ter saído de casa.

Mas eu sei que isso não vai acontecer, porque eu preciso passar por tudo isso. E eu odeio isso. Mas eu preciso. Por algo. Por algum motivo.

Quando abro os olhos novamente eu vejo a Andressa ao meu lado, sentada no chão, com os olhos vermelhos e os lábios trêmulos.

DÉCIMO
06/03/2013
21:47

Foi realmente uma ideia muito estúpida.

Foi tudo uma grande aventura adolescente tardia que resultou em dois corações partidos. Pois esse é o resultado de quem resolve se arriscar em um romance cheio de paixão sem pensar muito nas consequências de cada passo dado, de cada sentimento que é cultivado: uma grande ferida emocional.

Eu ainda estava em choque como tudo podia acabar tão rapidamente. Um dia ele estava me pedindo em casamento, logo depois nos casamos e então no mesmo dia todo o sonho virou em um grande e tempestuoso pesadelo.

Eu voltei a morar em meu apartamento minúsculo, implorando para o Genésio alugá-lo de novo para mim e o André foi sozinho para sua casa – a casa que seria nossa. A casa onde toda a minha vida começou a mudar, mais uma vez.

Divórcio não era bem a nossa intenção quando decidimos depois de duas semanas de intensas discussões nos afastarmos para “ver no que dava”. Mas acredito, agora, que esse é o caminho que estamos seguindo de verdade.

Faz exatamente quatro dias que não nos falamos, e para ser bem sincera eu não sinto a menor vontade de lhe ligar, nem mandar qualquer mensagem. Eu sinto a sua falta, sinto falta de vê-lo, abraçá-lo, sinto falta do seu beijo e das risadas que ele me provoca. Sinto falta até mesmo das pequenas cócegas que o seu cabelo faz em meus dedos quando lhe faço cafuné.

E por isso me senti tentada diversas vezes nesses últimos vinte dias que estamos afastados a ir até a sua casa e vê-lo. Queria sentir tudo aquilo de novo, queria olhar em seus olhos e simplesmente sentir que não existe mais mundo, que éramos apenas ele e eu e o agora. Esquecer que existe o ontem e o amanhã.

Queria me certificar de que ele estava bem – embora soubesse, lá no fundo, que ele estava sim. Eu sou a que se quebra em pedaços. O André é quem se mantém firme quando tudo está caindo em volta. Eu sou a areia

movediça. Ele é o rochedo onde as ondas se quebram.

Nós não somos nada iguais. Sequer somos parecidos.

Somos apenas duas pessoas que foram castigadas pela vida e lidaram de formas diferentes. Somos duas pessoas cheias de cicatrizes e modos opostos de lidar com a dor e o medo.

E por isso eu não podia ir ao seu encontro mais uma vez. Não é por orgulho, não é por medo, por insegurança. Mas porque eu sabia que vê-lo iria ativar todas as discussões, iria trazer à tona perguntas e questionamentos que eu não poderia responder no momento.

Porque somos duas peças diferentes que não se encaixam. E quanto mais nós tentássemos fazer isso dar certo, pior seria. Iria trazer mais dor e mais sofrimento para nós dois e nada adiantaria, no final das contas. Porque ele sabe o que quer, e eu sei que o que não quero.

E eu não podia simplesmente pular para as minhas partes favoritas da vida e excluir todo o resto. Eu não estava em um filme onde eu poderia pegar um controle e saltar os momentos de tensão e conflito, indo direto para os momentos de carinho, cumplicidade e alegria.

Porque se eu tivesse esse poder, com certeza faria isso. Mesmo sabendo das conseqüências, eu faria. Nesse momento eu faria qualquer coisa apenas para parar de sofrer. Porque eu não sei o que acontece comigo e que tipo de imã de tragédia eu tenho, mas de alguma forma, eu sempre dou voltas e quando eu acho que tudo vai bem, eu recebo uma porrada da vida e caio.

Mas a verdade é que todo aquele espaço vazio que tinha entre nós nesse momento me preenchia com uma grande angústia. E pela primeira vez eu percebi o quanto um vazio pode ser pesado.

Eu preferia que ele chegasse a mim e falasse logo que não daria certo, que foi um erro precipitado, uma escolha mal calculada, que era melhor esquecer a nossa curta e breve história e seguirmos em frente, como se nossos caminhos nunca tivessem sido cruzados antes.

Ia doer? Óbvio.

Ia acabar comigo? Eu não tenho dúvidas que sim.

Mas eu preferia um tiro certo que uma morte tão lenta e dolorosa assim. Era melhor colocar logo um ponto final naquela história toda que viver os próximos dias ou – Deus que me livre – meses escrevendo reticências e interrogações

Mas eu não tinha coragem, nem um pinguinho. Então fiquei

segurando o telefone por mais três dias, esperando ele ligar para saber o que seria de nós dois, no final das contas.

E isso não aconteceu.

Termino de secar o meu cabelo no secador e tiro do meu suéter os fios loiros que acabaram grudando ali quando ouço a porta abrindo. O meu coração acelera e as pernas tremem.

Tudo bem, Catarina. Tenha calma. Você sabe se defender.

Ouçó passos pelo chão de madeira se aproximando e meu coração quase salta pela boca.

Merda! Eu realmente deveria ter ouvido a dona Zefa quando ela me parou no elevador semana passada para dizer que estava tendo uma onda de assaltos dentro dos apartamentos.

Só que eu nunca imaginei que fosse acontecer justamente comigo. Eu, que não tenho nada de valor em casa! Até a dona Zefa tem uma televisão melhor que a minha – e ela nunca teve sua casa invadida por um bandido embora faça um grande alarde em toda reunião do condomínio sobre trombadinhas que jogam pedras nas janelas quando os donos da casa saem.

Olho pela bancada do banheiro e então vejo que minha melhor arma nesse caso é o secador, que ainda está um pouco quente. O seguro com força o bastante, mesmo sentindo minhas mãos tremerem de medo enquanto torço para eu estar enganada.

Coloco a mão na maçaneta e giro com cautela, evitando o barulho que a porta sempre faz quando a abro muito rapidamente. Levanto o secador acima de minha cabeça, o segurando com as duas mãos, como vi nas cenas de filmes policiais que o André me fazia assistir com ele, e caminho pelo corredor até a sala, quando chego lá só vejo a sombra masculina na escuridão da noite.

— O que você está fazendo? – A voz do André estronda e ele liga a luz da sala logo em seguida, fazendo com que eu dê um grito, seguido por um suspiro.

— Que susto, André! – Exclamo abaixando o braço, quase deixando o secador cair no chão. Sinto uma rápida irritação misturada com alívio ao vê-lo. – Você não pode entrar assim de fininho. Achei que fosse um bandido!

— Um bandido que tem a chave de sua casa? – Ele questiona, levantando a sobrancelha direita e eu reviro meus olhos, volto andando pelo corredor para guardar o secador debaixo da bancada do banheiro. – Achei que

você não fosse muito gostar de me ver, mas diante da escolha entre bandido e o seu marido policial, acredito que estou em vantagem.

Ouçó os passos dele me seguindo e me contenho para não chorar naquele momento, porque tê-lo perto de mim é ainda mais doloroso do que eu imaginei. Ouvi-lo falando que é meu marido – porque, de fato, ele é – é como se eu fosse apunhalada no peito.

E eu não fazia nem ideia da saudade que estava sentindo até vê-lo assim tão perto, sem sequer poder me jogar em seus braços e beijar cada centímetro do seu rosto. E como eu queria poder e conseguir fazer isso nesse momento, esquecendo de todo o resto e fingindo que o que aconteceu, o que está acontecendo, que nada relacionado com nossa crise não tem a menor importância.

O meu coração se aperta no peito e controlo minha respiração ao máximo, evitando olhar para trás.

— Então... – começo a falar, mas sem saber o que dizer logo em seguida. Paro no batente da porta do banheiro e ele está alguns passos distante, encostado na parede do corredor.

— Então... – ele repete o que eu acabei de dizer e respira fundo, passa a mão nos cabelos recém cortados e morde a boca. Puxo o ar com força, me contendo para manter o foco e simplesmente não desmoronar por conta de toda essa confusão de coisas que sinto.

Ele levanta a cabeça e pela primeira vez nos olhamos de verdade. Olho no olho. E eu percebo como seu rosto está diferente. As olheiras que nunca tinha visto tão escuras. A pele tão sem vida que parece que ele acabou de sair do hospital. Sua postura encurvada como se ele estivesse levando um peso invisível em seus ombros.

E seus olhos, que parecem carregar uma dor tão profunda como a minha.

Ele não sabe por que está aqui.

Ele está tão confuso quanto eu... Eu posso ver pela sua expressão, cautelosa, medindo os gestos, pensando nas palavras que pode dizer...

— Eu não aguento mais isso, Catarina – ele fala, por fim, e abaixa a cabeça como se fosse incapaz de me olhar nos olhos por mais um minuto que fosse.

Suspiro frustrada, sei que vamos voltar àquela mesma discussão. Ele vai tentar me entender, desvendar os meus mistérios, me fazer um livro aberto para então consertar essa minha falha, esse meu defeito.

E então vamos começar a gritar e eu começarei a chorar.

Ele não vai aguentar e vai me segurar em seus braços como se eu fosse a coisa mais preciosa do mundo, mas isso vai lhe machucar, e então ele vai dizer que é melhor a gente se afastar um pouco até tudo ficar mais claro.

E nada vai ficar claro porque é assim que nós somos: confusos, cheios de traumas e desejos confusos.

— Eu também não, André – falo.

— Eu não aguento mais ficar longe de você – ele diz, para minha surpresa.

Ele dá dois passos para frente, mas instintivamente eu vou para trás e ele para.

— Eu não posso lidar com isso de novo – digo, relutante.

Meu coração grita para eu me jogar em seus braços e deixar para resolver isso tudo amanhã, mas minha mente fala que vou apenas me iludir e sofrer ainda mais no dia seguinte e nos dias posteriores a este.

— Eu entendo – ele fala com a voz rouca. – Eu entendo mesmo. Mas sinceramente, eu não consigo mais ficar longe de você. Não quando eu sei que podemos consertar isso.

Sinto um arrepio percorrer o meu corpo e lágrimas voltarem aos olhos, respiro com calma para não cair no choro. Porque eu não quero que ele consiga ficar longe de mim quando eu mesma não suporto a ideia de me afastar dele, mas ao mesmo tempo eu sei que precisamos aprender isso o quanto antes.

— André, nós não podemos consertar isso. O seu sonho é algo que eu não posso realizar – eu digo, sentindo meu coração partir. – E você depende de mim para isso.

— Não... – ele começa a falar como se aquilo fosse algo óbvio e eu fosse uma criança que não conseguia entender que o céu era azul. – O meu sonho, Catarina, não é nada do que você pode me dar. Meu sonho é você. É ter você comigo. E isso aqui que está acontecendo entre a gente é algo que não pode acontecer. Você não pode simplesmente conquistar meu coração e me fazer acreditar que vai dar certo e depois fugir. Eu tentei te dar espaço nos últimos quatro dias, mas você não me atendia, não me respondia nem para dizer que estava bem, que estava viva.

— Eu estava confusa – digo com a voz trêmula.

— Eu quero você – ele diz e vejo como há dor em seus olhos, assim como há nos meus. – Somente você é suficiente para mim.

E como eu gostaria de acreditar em suas palavras. Como eu gostaria de fingir que acreditava e bloquear todas as objeções que faço mentalmente enquanto ele diz aquilo. Mas eu não consigo. Simplesmente não dá.

— Talvez seja melhor a gente se separar de vez – digo, após alguns segundos de silêncio entre nós e a expressão dele é de pura dor, assim como a minha deve estar sendo nesse momento.

— Catarina – ele fala baixinho, se aproximando devagar até que consegue segurar minha mão. – Eu prometi que ia te amar na saúde e na doença, em todos os momentos de minha vida até que ela chegasse ao fim, e é isso que eu vou fazer. Essa história de divórcio para mim é algo simplesmente fora de cogitação. Não existe essa possibilidade para mim. Não quando eu aprendi a te amar mais do que amo a mim próprio. Não quando eu disse que iria estar contigo em todos os momentos até que meu coração parasse de bater.

— E o que você quer fazer então, André? – Pergunto sentindo os meus olhos se encherem de lágrimas. – Por que eu não consigo ver uma solução para a gente.

— A gente vai ter que criar uma então – ele diz, se aproximando ainda mais de mim e me envolvendo em seus braços.

Antes que pudesse dizer qualquer coisa, ele me beija. E eu sinto tudo dentro de mim, cair em pedaços. Sinto meu coração acelerar, minha respiração falhar e a cada toque seu, em meu pescoço, em meus braços, nas minhas costas... Parece certo demais. Parece perfeito. Quando ele me levanta e eu enrosco as minhas pernas em seu quadril... nós parecemos um quebra-cabeça, com peças espalhadas e perdidas, mas naquele momento eu posso jurar que fomos feitos um para o outro, porque é como se minha pele sentisse saudades do seu toque tanto quanto meus ouvidos pareciam sentir saudades de sua voz, e meus olhos sentisse saudades de vê-lo... Meu corpo inteiro conspira contra mim, porque ele é mais do que uma escolha do meu coração, ele é a necessidade para minha felicidade e o antídoto para minha dor que é causada pela sua ausência.

E eu sei que estou perdida.

Eu queria e sabia que deveria me afastar dele, não permitir que ele me envolvesse de tal forma, mas eu não consigo. Ele é o que eu preciso.

DÉCIMO PRIMEIRO

02/12/2016

22:04

Solto um suspiro e me levanto, me sentando novamente na cadeira. Andressa faz o mesmo e se senta ao meu lado. Não falamos nada por alguns minutos, apenas permanecemos ali em silencio, olhando para a parede em branco e suspirando sem parar.

Não sei por quanto tempo ela estava ali, nem o que ouviu ou viu. E eu não me importo com nada disso nesse momento. Sinto meu coração pesado e sinto medo.

Eu não posso perdê-lo.

Eu não posso voltar parar o buraco onde me enfiei anos atrás.

Não posso deixar que o medo de perder as pessoas me domine. Não novamente. Não depois que foi tão difícil sair de lá.

— Sabe – eu começo a falar. – Eu perdi meus pais alguns anos atrás. Os meus pais e o meu irmão.

Os seus olhos se arregalam rapidamente e logo ela volta para sua expressão serena de sempre.

— É, eu não falo disso com as pessoas, acho que de todas as pessoas que moram nessa cidade só o André sabe – dou de ombros e tento buscar as palavras para continuar falando. – Eu os perdi em um acidente de carro, eu estava junto, mas sai completamente ilesa. E por muitos anos eu não conseguia me perdoar por isso, porque eu queria que eu tivesse partido e que eles continuassem vivos.

— Mas não foi sua culpa – ela afirma, mas vejo que há uma interrogação sutil em suas palavras.

— Não foi. Mas eu me culpava. Como não poderia? Somente eu tinha sobrevivido – digo, buscando calma enquanto relembro o pior dia de minha vida. O segundo pior, agora. – E eu estava cada dia mais determinada a acabar com minha vida também. Eu não queria mais viver, mas também não tinha coragem de morrer.

— Catarina... Eu não imaginava – ela diz com a expressão totalmente surpresa.

— E então um acidente aconteceu comigo, um ano depois do que levou os meus pais. Um acidente de carro. A polícia foi acionada e o André estava lá. Ele me socorreu no momento. E eu achei que nunca mais o veria depois que entrei na ambulância, mas quando o dia amanheceu e eu saí do hospital, ele estava lá. Eu tinha dito para ele que não agüentava mais viver e no dia seguinte ele estava lá fora, me esperando e querendo me salvar.

Vejo que os olhos da Andressa começaram a brilhar e um sorriso pequeno foi suficiente para iluminar seu rosto.

— Isso é tão André – ela diz e eu aceno com a cabeça, também sorrindo.

Isso é totalmente o André, penso.

— Ele estava determinado a me salvar, ele sabia que o que eu queria fazer, mesmo sem saber qual era a minha real motivação. E ele queria me ajudar – eu digo sentindo as lágrimas vindo em meus olhos. – E ele me ajudou. Eu estou viva hoje porque ele foi corajoso e determinado em me ajudar. E eu... eu queria conseguir ajudá-lo também agora. Eu queria que tivesse algo que eu pudesse fazer para o tempo voltar e impedi-lo de sair de casa pela manhã. Queria que tivesse algo que eu pudesse lhe dizer que fizesse com que essa cirurgia desse certo e ele saísse daquela sala vivo. Porque eu sinceramente não sei o que fazer caso ele não sobreviva.

Os olhos da minha amiga se enchem de lágrimas também e ela me puxa em um abraço apertado, sinto a minha blusa molhar em seguida e vejo que ela também está chorando. Permanecemos assim por instantes que eu não sei definir se foram cinco minutos ou meia hora.

— Quando eu me casei, eu queria muito ser mãe logo – Andressa começa a falar e nos afastamos. Ela umedece os lábios e respira fundo. – Um mês depois do casamento, eu já estava grávida.

— Andressa... – começo a falar, mas não sei mais o que eu poderia dizer.

— Eu perdi o bebê, no terceiro mês – os olhos dela se enchem de água novamente e vejo seus lábios tremerem, mas ela continua falando, com a voz falhada e a respiração cortada. – Cinco meses depois, eu engravidei novamente. Dois meses depois eu perdi. Eu já estava desesperada quando eu engravidei uma terceira vez, pouco tempo depois de já estar casada por um ano. Eu sou uma mãe, Catarina. Eu fui mãe três vezes. E eu perdi cada um deles. João Pedro nasceu no sexto mês, respirava, estava vivo, mas viveu apenas por duas horas. Mas naquelas duas horas eu senti o maior amor que uma pessoa pode sentir no mundo.

As lágrimas voltam a descer incontroláveis pelo meu rosto, eu agarro a mão da Andressa e aperto com força. Embora seu rosto inteiro demonstre a dor que ela sente ao se lembrar disso tudo, ela esboça um pequeno sorriso nos lábios.

— Você já é mãe – ela diz. – E eu sei que é aterrorizante pensar em perder mais uma pessoa. Ter mais uma pessoa na sua vida que você sabe que vai depender de você e que você vai amar como nunca amou nada nem ninguém antes. E tanto eu quanto você sabemos que a vida é frágil. Mas você não pode deixar que esse medo te impeça de viver mais. Vai doer se o André se for, vai doer de uma forma que nunca doeu antes. E vai continuar doendo para sempre, mas você precisa acreditar que cada dia vai doer um pouquinho menos e a saudade vai ser cada vez menos avassaladora. E você vai ter uma nova vida em suas mãos por muitos meses que vai depender de você por muitos anos.

— Porque você está me falando tudo isso? – Pergunto assustada, temendo pela sua resposta. O desespero toma conta de mim mais uma vez. E eu sinto como se tudo dentro de mim estivesse borbulhando.

— O André é tudo para você e eu entendo isso agora. Eu entendo que ele seja sua rocha e seu porto seguro, o seu abrigo e que com ele você se sinta protegida mesmo quando tudo esteja dando errado. E que a ideia de perdê-lo seja algo tão doloroso que não exista nenhuma palavra que possa descrever – ela continua. – Mas você não vai estar sozinha. Você tem a mim, a Ana, a todos os outros, mas principalmente você tem a Deus...

— Andressa! – Exclamo. – O que está acontecendo?

— A situação do André se complicou, Catarina. A cirurgia se complicou. Os médicos estão fazendo o possível, mas é provável que ele...

— Não! Não... – Me levanto da cadeira e começo a andar pelo corredor. Sinto o ar faltar, todo o meu corpo doer, como se isso não fosse uma dor emocional, mas física.

DÉCIMO SEGUNDO

22/01/2014

06:24

Nós comemos em silêncio, eu aprecio o último pedaço do bolo que fiz e o André me olha enquanto bebe aos poucos o seu café, preto como sempre, sem açúcar como nunca antes. A expressão dele é de pura dor e me faz rir um pouco.

— Você sabe que precisa parar de comer açúcar – eu digo e aproveito para lhe lançar o meu melhor olhar de advertência.

— Você precisa realmente cuidar de mim assim? – Ele questiona e tem uma expressão de indignação que eu sei que é falsa, pelo seu sorriso no canto da boca.

Levanto da mesa sorrindo e pego os pratos do café da manhã, fechando a sacola de pão.

— É o que eu faço de melhor – digo dando de ombros enquanto passo por ele e lhe dou um beijo na bochecha.

Sigo até o quarto para trocar de roupa e minutos depois ele chega, para no batente da porta e me analisa enquanto eu fecho os botões da minha camisa social.

— Você é linda, sabia?

Eu dou uma risada sem graça e ele entra no quarto, sentando na ponta da cama e de repente seu rosto assume uma nova forma, me deixando intrigada.

— O que foi? – Questiono.

Ele apenas balança a cabeça em negativo e eu dou de ombros. Minutos depois ele sai do quarto, deixando no ar um questionamento ou uma sentença que não foi feita, mas sei que está constantemente na sua cabeça.

Foi tão difícil para nós dois termos superado a crise do primeiro dia de casamento. E acho que somos o único casal no mundo em que a crise de casamento chegou na lua de mel.

Na mesma proporção em que foi simples, fácil e leve o nosso relacionamento nos meses antes do casamento, foi pesado, dolorido e trabalhoso os meses posteriores.

E tivemos que nos aperfeiçoar ainda mais para preencher um

ao outro, porque agora havia lacunas profundas que poderia abalar toda a estrutura de um amor que parecia ser firmado em uma rocha.

Mas a verdade é que nada que nós – humanos, meros mortais e imperfeitos – fazemos é firmado em rocha alguma. Somos mais areia movediça que qualquer outra coisa. E basta um passo em falso, uma palavra que nunca deveria ser dita e um olhar que não deveria ser lançado que tudo começa a afundar em questão de segundos.

Respiro fundo e largo a escova de cabelo em cima da cômoda, com um bolo se formando em minha garganta a ponto de fazer com que eu me sinta sufocada, eu sigo até a sala sem pensar muito.

— O que aconteceu? — André me pergunta assustado. Eu não consigo responder nada, porque não consigo pensar em nada com muita clareza no momento. — Catarina, o que aconteceu?

— Eu não sei, André! — Desabafo, gritando com ele pela primeira vez. — Eu sinceramente não sei.

— Como assim? — Ele questiona, alarmado com minha reação repentina.

Não é muito incomum que eu exploda do nada. Ele é o constante, eu sou a imprevisível. Ele é o que pensa em cada ação e em cada palavra, e eu sou a que vai pelo impulso.

Mas eu nunca gritei.

Eu nunca falei dessa forma com ele.

— Você entra no quarto com um sorriso e sai com uma cara de confusão poucos segundos depois – eu digo, como se isso bastasse e ele ameaça começar a rir. — É sério, André. Não é drama. Eu sei que sua cabeça está cheia de ideias e coisas que você se recusa em dividir comigo. E eu desconfio que isso seja... Eu desconfio que seja sobre aquele assunto de novo.

Quando termino de falar percebo que estou sem fôlego, sinto uma inquietação aumentar em meu peito, e rapidamente o André adquire uma nova expressão: séria e cheia de dor.

— Catarina, não é nada disso – ele diz, respirando fundo.

— EU SABIA – exclamo novamente, claramente exaltada. — Eu sabia, André, eu sabia! — A cada palavra que sai de minha boca, uma nova lagrima surge em meus olhos. — Eu sabia que esse dia ia chegar e que não ia demorar.

—Que dia Catarina? Do que você está falando? — Ele questiona e

passa a mão ferozmente pelos cabelos, algo que me faria ter vontade de me jogar em seus braços, se não fosse a raiva que eu estava sentindo no momento.

Não raiva dele.

Raiva de mim mesma. Do quanto fui tola e ingênua.

—Você não tinha o direito de fazer isso comigo – eu digo sentindo a voz embargar por causa das lágrimas que ameaçam cair.

—Catarina, eu estou começando a ficar assustado. De onde vem isso? Não é possível, eu apenas entrei no quarto, te vi e sai – ele fala. Ele parece acreditar em sua própria mentira.

—Eu sabia que você iria se arrepender de ter ficado comigo quando sabia que isso significaria abrir mão do seu grande sonho de ter um filho, um mini você – digo, sentindo uma dor aguda invadir meu peito. – Você disse que somente eu bastaria e que você não precisava de mais nada. Você me disse isso e eu sabia que era mentira, mas fingi para mim mesma que ia acreditar e que tudo daria certo.

O ar começa a faltar em meus pulmões e inspiro profundamente, com tanta força que minha garganta chega a doer e meu nariz arder. As lágrimas caem descontroladas no rosto de forma que não importa o quanto eu tente secar o meu rosto, ele vai continuar molhado.

—E está dando certo, Catarina, pois o que eu falei foi verdade – ele diz, mas está claro que ele está tão abalado quanto eu agora, embora não demonstre exteriormente e sua postura permaneça inabalável, eu conheço o seu olhar o suficiente para saber que tudo não passa de uma fachada.

E eu sei que não é sua culpa. E isso é o que me dói ainda mais. Porque ele me ama. E eu sei que sim, a cada vez que ele me olha, a cada vez que me beija antes de dormir. Eu sinto o seu amor por mim em cada momento, em cada mensagem, em cada palavra e cuidado.

Eu sinto isso. E eu imagino o quanto ele sofre por me amar.

—Não, André. E eu sei que não é. Não é a primeira vez que você faz isso, me analisa em silêncio revelando pelo rosto, pelos olhos, pelo formato da boca um desgosto que magoa até o ponto mais profundo da alma – eu digo, suspirando profundamente.

Ando pela sala de um lado pra o outro e ele me analisa, ambos estamos em silêncio enquanto eu tento evitar o seu olhar.

Ele sabe que eu estou certa. E estar certa me traz um sofrimento horrível.

— Teria sido melhor você ter me falado a verdade um ano e meio atrás – digo, andando de um lado para o outro da sala, paro de frente para a porta da frente, de trás para ele. Controlo-me para não desmoronar aqui, mas eu sei que ele está vendo o quanto estou tremendo.

Para minha surpresa não ouço nenhuma palavra por alguns segundos, até que ele aparece em minha frente, me segurando pelos ombros. No momento em que mão toca a minha pele, eu sinto um choque. Tudo vem a tona naquele momento. Em que seus olhos magoados encontram os meus igualmente feridos e castigados.

Vem a tona todo o amor que sinto por ele. Vem toda a gratidão que tenho por tudo que ele fez por mim. Sinto a sorte que tenho em tê-lo. E a dor. O desgosto e toda a mágoa de eu ser quem eu sou. De que não querer o que ele quer. De eu ser incapaz de dar-lhe um filho por conta de minhas limitações. Por conta de todo meu medo e de tudo aquilo que faz eu me sufocar a cada vez que penso no futuro. Cada vez que eu penso em ter mais uma pessoa na minha vida. Mais alguém que eu posso perder.

— O que você está fazendo? – Eu questiono, sem nem saber exatamente o que essa pergunta abrange.

Mas ele não me diz nada, apenas me puxa para perto de si. Segura meu rosto com a palma das mãos enquanto nossos rostos se aproximam o bastante para confundir a respiração e minha boca vai de encontro com a sua. Seu movimento é determinado e cheio de um desejo repentino que eu não consigo entender, mas poucos segundos depois a minha mente se esvazia e eu me sinto derreter em seus braços.

O André é os rochedos que quebram as minhas ondas. O André é mais do que uma pessoa que conheço e amo. Ele é o meu lar. Ele é onde eu acho o refugio, abrigo e descanso. Ele é onde eu quero estar.

Sua língua explora minha boca com uma paixão que eu nem lembrava mais que ele sentia. E ele passa um braço pela minha cintura, me levando para mais perto de seu corpo.

O beijo se torna salgado por as lágrimas que continuam escorrer no meu rosto enquanto eu sinto meu coração palpitar sem ter certeza se aqueles são somente os meus batimentos ou os dele também.

Sem conseguir desgrudar sua boca da minha, ele me segura com as duas mãos na cintura e me levanta, eu cruzo minhas pernas em seu quadril, sentindo uma repentina falta de ar.

— Vamos deixar isso para depois – ele diz quando se afasta pela

primeira vez depois de longos minutos e respira fundo, voltando logo em seguida e me beijar.

Eu apenas concordo, incapaz de contestar qualquer coisa naquele momento, mesmo com minha cabeça gritando e alertando que se esquivar disso é uma péssima ideia.

Pela primeira vez na vida, a minha intuição estava enganada.

Sinto algumas gotas de suor escorrer pela minha testa e respiro fundo, sem capacidade de me levantar dali, apenas suspendo meu rosto um pouco e ele me olha, sorrindo. Sorrio em resposta, sem saber o que dizer.

— Isso foi... – começo a falar e acabo rindo, sem fazer ideia de como completar a frase.

— Sim – ele concorda, sorrindo ainda.

— O que eu vou falar para a Diana? – Questiono enquanto olho o relógio da sala me mostrar que eu deveria ter saído de casa 45 minutos atrás.

— Você não faltou nenhum dia desde que começou a trabalhar naquele curso – ele diz e revira os olhos.

— Porque trabalho não é faculdade para faltar quando der na telha – digo e então rio.

Abaixo novamente minha cabeça que volta a repousar em seu peito, ouço as batidas do seu coração tão frenéticas quanto as minhas e fecho os olhos. Não sei mais o que dizer a ele, não sei se há alguma coisa mais para ser dita. E, sinceramente, sinto que nunca houve nada que pudesse ser dito, nada que pudesse ser feito.

Eu sou incapaz de ficar longe dele, embora algumas vezes me engane achando que isso seria a solução para nós.

E ele é incapaz de ficar comigo sem se lembrar e sofrer pelo que está abdicando.

— A gente precisa encontrar uma solução – digo depois de mais de dez minutos contados no relógio em silêncio.

— Eu sei – ele diz, para minha surpresa. – Eu sei que sim, mas brigar não vai adiantar nada.

— Se bem que se a gente não tivesse brigado... – falo, com um

sorriso travesso na boca e ele ri.

— Tá, pode adiantar um pouco – ele sorri e beija o todo da minha cabeça. – Mas você entendeu.

Eu aceno com a cabeça confirmando que sim. Ele tem razão. Como quase sempre.

DÉCIMO TERCEIRO

02/12/2016

23:28

— Catarina? — Andressa vem em minha direção, segurando o celular na mão.

— Sim? — Respondo quando vejo que ela não vai continuar até que eu diga algo.

— Tem uma pessoa que está querendo muito falar com você... — Ela me olha apreensiva e eu me ajeito na cadeira desconfortável do hospital.

— Dessa, eu agradeço muito que as pessoas estejam sendo tão simpáticas e empáticas comigo — começo a falar baixinho, para quem quer que esteja ligando não possa ouvir — mas eu realmente não quero falar com ninguém agora. Eu não aguento ouvir as pessoas falando que vai ficar tudo bem...

Ela respira fundo e passa a mão na testa, o que me deixa ainda mais triste.

— Eu entendo, Cá — ela diz, com um sorriso sutil. — Mas fala só com essa pessoa, ela quer tanto falar com você. Você não vai se arrepender...

Respiro fundo e estendo a mão, pegando o celular da Andressa.

Quando entrei no Facebook meia hora antes, vi dezenas de postagens sobre o André. Compartilharam fotos dele, me marcaram nas homenagens, em links de notícias dos sites locais, algumas pessoas até mesmo chegaram a acreditar que ele tinha morrido.

Eu não consegui ler tudo que estavam falando dele, não conseguia ver aquelas palavras que, eu sabia que eram sinceras e cheias de amor e carinho, mas eu sabia que também tinham um tom de pesar contido ali. Como se estivessem se despedindo enquanto ainda era tempo. Enquanto ele ainda estava vivo.

E eu não estava mais aguentando ver os olhares das enfermeiras, as pessoas falando baixinho, apontando para mim. Não aguentava mais ouvir meu celular apitando com novas mensagens, as pessoas perguntando se estava tudo bem, como estava sendo a cirurgia, se já tinha notícias...

Eu amava o fato da cidade ter abraçado a mim e ao André de

forma tão calorosa. Mas eu odiava o fato de que nesse momento a minha dor estava sendo compartilhava e divulgada dessa forma.

— Alô? – Falo depois de respirar fundo algumas vezes e tomar coragem de ver quem está do outro lado da linha.

— Alô, Catarina? Aqui é a Josiane, Josiane Dutra.

— Ah sim... – Falo depois de alguns segundos em silêncio em que percebi que ela esperava que eu falasse algo.

— Desculpe te incomodar nesse momento tão crítico, querida. – Ela volta a falar depois de mais alguns segundos silenciosos e constrangedores. – É que eu contei a Isadora o que tinha acontecido com o André e ela queria muito falar com você.

— Tudo bem... – falo, cautelosa.

— Desculpe mesmo, eu sei que não é um bom momento, porém ela não quer dormir antes de poder lhe falar algumas coisas, está implorando tem mais de uma hora para eu fazer essa ligação.

— Sem problemas, Josi – digo, sorrindo ao me lembrar da Isa. – Pode passar para ela.

— Obrigada, querida – Josi diz e então tudo fica silencioso novamente.

— Tia Catarina? – A voz infantil da minha aluna sai pelo aparelho.

— Oi, Isa! Como você está? – Pergunto, tentando soar animada com a sua ligação.

— Não muito bem, eu soube o que aconteceu com o tio André... – Ela soa triste e isso parte o meu coração.

Além de ser minha aluna na escola, a Isadora também frequenta com a família a mesma igreja que nós e desde sempre o André pegava-a no colo ao final do culto e passa quase dez minutos falando apenas com ela, fazendo cocegas nela, contando-lhe histórias mirabolantes...

Era a coisa mais linda que eu já tinha visto.

Ele tinha o jeito de pai antes mesmo de ser um.

E eu amava isso nele.

Eu amo isso nele, me corrijo mentalmente.

— Isa, vai ficar tudo bem, minha florzinha – digo, com calma, respirando fundo e sentindo as lágrimas invadirem os meus olhos.

— Eu não liguei para isso – ela diz, decidida e dou risada.

— Para o que foi, então? – Pergunto.

— Eu liguei para falar com você que vai ficar tudo bem. E não para você me falar que vai ficar tudo bem – ela diz, como se aquilo fosse obvio.

— Ah, entendo – digo, sorrindo em meio às lágrimas.

— Mamãe estava me contando aqui sobre a história de Jonas, o garoto que foi engolido pela baleia.

— Foi?

— Sim, e eu me lembrei de você – ela diz e eu rio.

— Por que, meu bem?

— É que eu achei que Jonas ia morrer. Mas ele viveu. E eu achei que era impossível, mas mamãe me explicou que Deus faz milagres, que são coisas impossíveis que não são impossíveis, como Jonas. E eu achava que se uma pessoa recebesse uma bala bem no coração, ela morria. Por isso eu chorei quando mamãe me contou que isso tinha acontecido com tio André, mas depois ela me contou sobre Jonas e eu percebi que talvez Deus também faça um desses milagres com tio André – ela fala, como se aquelas palavras fossem coisas tão simples e bobas, quando na verdade elas são profundas demais. Passo a mão pela minha bochecha, secando as lágrimas que voltam a escorrer no rosto.

— É verdade, Isadora – respondo depois de tentar acalmar minha respiração, pela milionésima vez somente hoje. – Deus faz milagres.

— Eu acho que ele vai fazer um hoje – ela diz e eu percebo que ela está sorrindo pelo seu tom de voz.

— Você acha?

— Sim, eu pedi que ele fizesse – ela fala, toda confiante e eu sinto como se tivesse recebido um tapa em minha cara.

— Muito obrigada por ter pedido pelo titio, Isa – digo, sorrindo e chorando ao mesmo tempo.

Conversamos mais um pouco e então eu falo para ela que é hora de ir dormir, porque amanhã ela vai ter aula, mesmo que eu esteja em outra cidade.

— E aí? – Andressa pergunta, se sentando ao meu lado. – Está tudo bem?

— Sim, Dessa – digo, sorrindo. – Eu acabo de receber uma lição de fé de uma criança, mas está tudo bem.

Ela dá risada e não se espanta nem um pouco.

— Eu sabia que sua resposta ia vir de alguma forma. Uma forma diferente e especial para dar a esperança necessária – ela sorri e automaticamente me lembro da oração que fiz horas atrás, enquanto estava caída no chão do hospital.

Dessa vez eu não choro. Não me desespero. Está doendo, é claro. E a espera tem sido um castigo. Mas agora eu sei que eu não estou sozinha de verdade.

DÉCIMO QUARTO

12/08/2014

21:32

Enquanto as pessoas dão pequenos passos de tartaruga, medindo as suas ações, pensando nas conseqüências que surgiram em dois ou cinco anos, nós mergulhamos com tudo, de cabeça, afundando e esperando que de repente o corpo se mova e volte até a superfície, como por mágica.

Amor deveria ser assim? Esse salto de fé, de esperança, de medo?

Eu sou a medrosa que toma decisões sem pensar o bastante e logo se arrepende, porque sente medo se pensar demais e ponderar as objeções que deveriam ser feitas, e então sente medo na mesma intensidade quando não pensa e simplesmente se joga.

Passo a fita na última caixa e bato em cima dela, respirando fundo e tentando afastar os pensamentos que se formam na minha mente como nuvens pesadas.

— Acabei – digo, orgulhosa e me forçando a sorrir.

— E... – ele fala, prolongando a letra por vários minutos enquanto termina de lacrar a tampa da caixa com a fita – eu também!

Ele sorri, embora seu rosto esteja cansado. E eu sinto vontade de chorar em ver sua expressão. Em saber que eu lhe causei essa felicidade que impede ele de parar de sorrir.

Ele vem ao meu encontro, do outro lado da sala, desviando de todas as caixas e alguns pedaços de plástico bolha que estão espalhados pelo chão. E então me abraça tão forte que eu teria medo de quebrar meus frágeis ossos, se eu não confiasse tanto nele. Se eu não confiasse a minha vida em suas mãos.

Ele permanece me abraçando, sinto sua respiração irregular em meu pescoço e vejo que ele começa a chorar. Eu me assusto com essa reação repentina, mas logo compreendo. Então permanecemos assim, enquanto eu passo meus dedos pelos fios curtos de seu cabelo e ele tenta se acalmar.

E então eu não sinto mais medo.

Quando eu sugeri que era hora de mudarmos para uma cidade

pequena, a expressão do André era uma mistura de muitas emoções: surpresa, conflito, esperança, curiosidade... Mas especialmente, medo.

E ao contrario de mim, o André não sente medo com facilidade. Às vezes eu chego a questionar se ele realmente sabe o que a palavra significa, pois tudo nele inspira uma coragem e esperança absurda.

E eu sabia que a ideia de mudar de São Paulo para um lugar calmo e de interior traria de volta o assunto de ter filhos. Eu sabia disso e estava disposta a correr o risco, embora ainda não me sentisse pronta para ser mãe.

Mas a é verdade que isso, aparentemente, estava mudando em mim.

Quando eu fui ser professora de crianças na escola municipal, elas acabaram conquistando o meu coração ao mesmo tempo em que me deixavam completamente aterrorizada. Elas me trouxeram a lembrança da garota que um dia eu fui, antes de me perder dentro de mim mesma.

Eu sempre quis ser mãe. Eu cresci com a ideia clara de que um dia me casaria, teria minha família, e, quando velha, viveria cercada de netos. E estava tudo bem assim, porque me parecia simples, claro e natural. Parecia o certo.

A vida se encarregou de me mostrar que nossa história não segue o roteiro que queremos escrever. A vida me ensinou que quanto mais pessoas você tem em sua vida, maiores são as chances de você sofrer – porque a vida é como um suspiro e ela pode acabar em um momento mais rápido que um piscar de olhos.

E eu não estava disposta a amar alguém de forma incondicional novamente para simplesmente correr o risco de vê-la partir e não poder fazer nada.

Eu não tinha mais coragem de me aproximar de ninguém, de fazer novas amizades, de entrar na vida das pessoas e deixar que elas entrassem na minha. Imagine se eu estaria preparada para colocar uma pessoa no mundo e amá-la com todo o meu coração, vivendo sabendo que um dia eu poderia perdê-la.

Ou pior ainda: eu seria uma mãe, a pessoa mais importante para esse pequeno ser humano e a qualquer momento eu mesma poderia partir, sem chance de um adeus, deixando o futuro como uma folha de rascunho que nunca se tornaria realidade.

Eu não poderia viver com esse medo.

Mas eu sabia que era egoísmo demais viver privando o André de

ser pai porque eu era medrosa demais. E era covardia comigo mesma, me privando de algo que eu sempre sonhei em ser porque eu era medrosa demais para deixar traumas passados para trás.

E, sem ele saber, eu voltei a fazer terapia. Relutante e cheia de conflitos, eu fiz. Não só por ele, embora ver o olhar perdido e de tristeza que por vezes ilustrava o seu rosto tenha sido uma grande motivação. Mas por mim, principalmente. Porque eu não agüentava mais a ideia de que o medo estava tirando partes de mim sem que eu percebesse. Minha vida estava sendo roubada por conta do medo que eu sentia de coisas que poderiam nem chegar a acontecer.

Então, aos poucos, caminhando, tropeçando e querendo desistir na maior parte do tempo, fomos trabalhando nas raízes. E a ideia era dar um passo de cada vez, então por isso sugeri a mudança.

Não poderia dar esperanças altas demais a ele, falando que eu poderia ser mãe, que era meu sonho também e todas essas coisas que eu sei que ele sonhava em ouvir. E eu gostaria muito de poder lhe dizer tais palavras, mas se eu fizesse isso eu estaria me atropelando. E, no fim, seria uma catástrofe.

Se dar pequenos passos já me faz ter a impressão que estávamos correndo, imagine o que correr não faria com a minha mente...

— Você tem certeza? — Ele me pergunta, respirando fundo, ainda abraçado em mim.

— Sim, amor — digo, sorrindo. Afasto-me levemente dele e seguro seu rosto com minhas mãos, enquanto seus braços entrelaçam a minha cintura — Mas você sabe que essa mudança só quer dizer que é uma mudança de lugar, né?

Por um momento poderia jurar que uma nuvem escura havia passado por seus olhos, mas ele logo abriu um pequeno sorriso que fez seu rosto se iluminar novamente. Esperança.

— Eu sei — ele disse, beijando a ponta do meu nariz, me fazendo rir.

Então se afastou e seguiu para quarto. Joguei-me no nosso sofá, analisando a sala com decoração apenas de caixas, pedaços de papelão, fita adesiva e plástico bolha.

Vai tudo certo, repeti para mim mesma. É um passo de cada vez.

Não tem nada de errado.

É um novo começo.

DÉCIMO QUINTO

03/12/2016

EM ALGUM MOMENTO DAQUELA MADRUGADA

Vejo as pessoas andando pelo hospital, algumas carregando umas flores, outras chorando e poucas – sortudas – sorrindo. Mas, na verdade, tudo está bem quieto. Agora falta pouco tempo até o sol nascer e a cada minuto que se passa eu sei que é porque a situação do meu marido está mais difícil. Se a cirurgia tivesse sido algo simples e banal, eu já teria tido notícias.

Depois que Andressa me contou que o estado do André se agravou durante a cirurgia, eu voltei a vomitar. E isso fez com que ela me obrigasse a comer algo, se não por mim, pelo bebê. Foi um golpe baixo usar esse argumento, mas era incontestável.

O lado ruim foi que a partir do momento que coloquei um pedaço de bolo de chocolate, que Ricardo comprou para nós na lanchonete do outro lado do hospital, eu não consegui mais parar de comer.

Estava mastigando um chiclete quando vi um médico que não deveria nem ter trinta anos chegando perto de nós, já estava desacreditada que ele iria falar comigo, levando em conta que fui ignorada por cada médico e enfermeira nas ultimas horas, mas então ele para em minha frente, com sua expressão profissional, completamente indecifrável.

— Catarina Viana? – Aceno com a cabeça e me levanto.

— A cirurgia acabou? – Pergunto, ansiosa.

— Sim – ele diz, sorrindo e eu sinto como se uma bigorna tivesse sumido de dentro do meu peito tamanho que é o meu alívio no momento. – Ele está bem, os sinais vitais estão estáveis, mas as próximas horas são críticas. Você ainda não pode vê-lo. Mas eu vou mandar alguém te atualizar sobre qualquer mudança no quadro.

Eu não sou o tipo de pessoa que é fã de contato físico, mas nesse momento minha alegria é tanta que eu simplesmente me jogo em seguida do médico, lhe prendendo forte com meus braços fracos, sentindo as primeiras lágrimas de alegria escorrerem pelos meus olhos.

Agradeço varias e repetidas vezes ao médico, que apenas acena a cabeça com um sorriso no rosto e sai de perto assim que eu o solto.

— Catarina, está tudo bem? – Ricardo me pergunta sussurrando e só então eu percebo que ele acordou. Seus olhos ainda estão inchados e ele boceja, me fazendo bocejar também. – O que aconteceu?

— A cirurgia acabou agora – digo, não conseguindo conter o meu sorriso. – Ele está vivo. Ele está se recuperando. Eu acho... Acho que ele vai sobreviver, Ricardo!

— Claro que ele vai! – Ricardo sorri e eu sinto as lágrimas escorrerem pelo meu rosto pela primeira vez no dia sem dor. – Isso é uma ótima notícia Catarina! Eu estou tão feliz! Quando você vai poder vê-lo? – Ele questiona e eu respiro fundo, jogando as mãos para cima.

— Eu não sei, espero que seja logo de manhã – sorrio e ele balança a cabeça em afirmativa.

Olho para Andressa dormindo com a cabeça encostada no ombro do Ricardo e respiro profundamente, me lembrando de quantas e quantas vezes eu não adormeci dessa mesma forma com o André.

Fecho meus olhos e tento descansar também.

DÉCIMO SEXTO

18/09/2016

18:55

Assim que chego em casa, vejo que o André já está fazendo o café e colocando a mesa. Ele coloca a garrafa térmica na bancada no mesmo momento em que eu jogo a sacola da farmácia ali em cima.

— O que é isso? – Ele olha curioso para a sacola e então para mim.

Eu começo a andar de um lado para outro, nervosa. Ele parece ficar assustado e em seguida abre a sacola, tirando de dentro o teste de gravidez que acabei de comprar.

— Meu Deus... Você acha? – Ele pergunta com um sorriso tão enorme no rosto que me faz sorrir também.

— Eu não sei – digo enfim, dando de ombros e sentindo um pequeno alívio.

— Porque ainda não fez? – A ansiedade parece estar consumindo.

— Porque pode ser não dê positivo... Como os outros três.

— E pode ser que dê...

Olho para a caixa do teste em sua mão e ameaço pegar duas vezes, mas a coragem me falta e eu apenas continuo ali, na sua frente, parada e encarando para aquela caixa de papel.

Eu gosto da ideia de estar grávida. Eu e André estamos tentando há mais de cinco meses, a essa altura. E até agora nada. Já é a quarta vez que eu acredito que estou grávida, mas começo a me questionar se não estou ficando louca.

Toda a mudança me fez ter uma visão tão melhor da vida. Morar em uma cidade pequena, de praia, calma. Participar de uma igreja, fazer amizades, trabalhar com as crianças.

Tudo isso apenas confirmou o que eu sempre soube no fundo: eu realmente queria ser mãe. Mesmo que a ideia me deixasse aterrorizada às vezes. Mesmo que o medo ainda se fizesse presente em minha vida. Era mais que uma simples vontade. E eu estava feliz por não ter cedido isso apenas porque o André queria, logo quando casamos. Porque sentir essa vontade de ter uma vida sendo

gerada dentro de mim... Eu precisava sentir isso. Em algum momento da minha vida. Mesmo que para isso eu precisasse fazer cem testes que dessem negativos.

Tomo o teste da mão do André e sigo para o banheiro.

— Está tudo bem, Catarina— ele fala, sussurrando baixinho. Eu permaneço olhando para o teto, me sentindo vazia.

— E se eu não conseguir nunca engravidar?—Questiono, sentindo meus olhos arderem. —Quando eu finalmente quero ter um filho, parece que eu sou proibida... Aposto que se eu tivesse me esquecido de tomar um comprimido dois anos atrás, eu teria engravidado.

— Não diga isso – ele diz.

— As coisas na minha vida só dão errado, André – eu digo, cansada. – Eu tenho medo do dia que eu engravidar, porque eu sei que alguma coisa de errada vai acontecer... Porque eu nunca posso ser cem por cento feliz por apenas um dia.

— Catarina...

— Me abraça—peço, com a voz baixa como um sussurro, mas rouca como se minha garganta estivesse ferida.—Me abraça— peço novamente um segundo depois, dessa vez choramingando.

Ele me olha por alguns instantes e eu vejo a dor em seu olhar. Não é sua dor. É a minha dor. É a minha saudade. É o meu desejo frustrado. É a minha frustração. Eu vejo que é tudo o que eu sinto ali, compartilhado nele. E eu sequer pedi por isso, mas vejo que ele fez. Ele tomou para si as minhas dores como se isso fosse algo simples. E então se eu sofro, ele sofre. E se meus olhos refletem a tristeza profunda do meu coração, os olhos dele refletem frações do que eu sinto, porque, aparentemente, ele as sente também.

Mas antes que eu possa pedir mais uma vez, ele vem ao meu encontro.

Sua mão alcança a minha cabeça, seus dedos se embolam em meu cabelo, e eu sinto o seu toque firme enquanto ele passa o braço ao redor dos meus ombros, quase imobilizando os meus braços, mas dando espaço o suficiente para minhas mãos se fechem ao redor de sua cintura, e eu sinto a minha respiração se tornando tão irregular que, por um momento, parece que estou prestes a morrer. Porque o desespero em mim é grande o bastante para me fazer cair dura no chão agora.

— Vai ficar tudo bem—a voz dele é doce, e eu sinto o seu hálito

em meu rosto, mesmo com a cabeça encostada em seu peito, ouvindo os batimentos de seu coração. —As vezes é assim mesmo, mas eu preciso que você acredite que momentos ruins também vão embora, mas para isso é necessário que você reúna um pouco mais de força para conseguir expulsá-los. Você merece as coisas mais incríveis do mundo e é por isso que eu tento ser melhor a cada dia, porque eu preciso sentir que eu te mereço, mas eu sei que eu ainda estou longe disso.

“Catarina, eu preciso que você veja o quanto você merece ser feliz, eu preciso que você perceba o quanto você merece ter uma vida plena e de alegria e de todos os bons sentimentos do mundo e o quanto a tristeza, embora te faça visitas constantes e indesejadas, não tem domínio nenhum sobre ti e muito menos define quem você é ou o que você merece. Porque ela simplesmente não pode mais ter voz em sua vida. Ela não pode mais tomar os seus desejos e dizer até onde você deve ir. A dor faz parte, mas ela não é a parte substancial de sua vida. E você não pode se deixar iludir por ela e acreditar nisso tudo que eu digo que é mentira.”

Olho nos seus olhos e sorrio.

—Eu espero conseguir.

DÉCIMO SÉTIMO

24/12/2016

22:53

Termino de levar o meu prato e o do André para a pia, ele está sentado no sofá, olhando cada movimento meu com um sorriso no canto da boca.

— O que foi? – Questiono enquanto me aproximo dele, mas antes que eu possa me sentar no sofá, ele me puxa com força, me fazendo cair no seu colo. – André! – Repreendo-o.

— Eu já te disse que te amo, hoje? – Ele pergunta e eu dou risada, saindo de seu colo rapidamente e me sentando ao seu lado.

— Aham, mas aceito ouvir mais umas mil vezes – digo, sorrindo.

— Eu amo você – ele fala e eu sinto uma paz invadir meu coração.

— E eu amo você – respondo, apoiando minha cabeça em seu ombro enquanto ouvimos Frank Sinatra tocar em um CD velho que André achou mais cedo em uma caixa na garagem.

— Eu preciso te pedir perdão, Catarina – ele fala depois de alguns minutos calado e eu levanto minha cabeça para olhar em seus olhos.

— Do que você está falando? – Questiono.

Ele respira fundo, passa a mão pelos cabelos que agora estão bem maiores do que ele jamais deixou nos últimos anos.

— Eu não consigo imaginar o que você passou naquele dia, no dia em que eu fui baleado – ele diz com a voz ainda mais grossa que de costume.

— André, não foi sua culpa...

— Me deixa terminar – ele me corta rapidamente. – Eu tomei a frente da operação naquele dia. Não era para eu ter feito aquilo, mas eu estava tão confiante... Eu estava tão satisfeito com o rumo em que estávamos levando. Eu estava com sangue nos olhos, Catarina. Eu queria me vingar pelo Roger, pela Valquíria. Eu queria colocar aqueles bandidos para apodrecerem atrás das grades pelo que eles fizeram com meu amigo e com a família dele...

Engulo a saliva que se forma em minha boca com dificuldade, sentindo minha garganta doer.

— E eu me esqueci de você. Eu esqueci que eu tinha você para cuidar. Eu me arrisquei de uma forma que não deveria. E eu quase morri e quase te perdi e perdi a chance de conhecer o nosso filho por causa disso. — Seus olhos se enchem de lágrimas, mas nenhuma delas desce, ao contrário de mim, que já estou em prantos. — Eu amo você mais do que qualquer coisa, Catarina. E eu juro por esse amor que eu nunca mais vou fazer nada do tipo, eu nunca mais vou me colocar em perigo dessa forma.

— André, eu entendo, é sua profissão — eu digo, sentindo meu coração doer pela primeira vez desde o dia que ele voltou para casa.

Eu deixei para trás todas as lembranças daquela noite, daquela madrugada e dois dias seguintes que passei no hospital. Eu deixei toda aquela dor e angústia lá. Mas agora tudo voltava.

— Catarina, minha vida é você e, agora, o nosso filho ou filha — ele sorri enquanto passa a mão em minha barriga. — Eu não quero mais que você se sinta com medo, nem desprotegida, nem sozinha.

Eu vou para mais perto dele e o abraço, não tão forte quanto eu gostaria, por conta da cicatrização de sua cirurgia, mas o suficiente para que eu possa encontrar a paz que meu coração estava necessitando depois de ouvir aquelas palavras.

— Você é minha casa, André — sussurro em seu ouvido. — Você é tudo para mim.

EPILÓGO

Sento na varanda de casa, apreciando as flores que começaram a aparecer no jardim e sentindo o cheiro de manga madura.

— Você bem que poderia pegar umas mangas para mim – falo para o André, sorrindo e ele revira os olhos. – Ah, amor, eu estou com desejo...

Ele dá uma gargalhada alta.

— Deveria existir uma regra que diz que quando a mulher mente sobre o desejo, o bebê nasce com a cara do objeto do falso desejo dela também – ele diz.

— É uma boa argumentação, porém não somos nós que inventamos isso. Apenas é uma verdade universal.

Ele dá outra gargalhada e então se aproxima de mim, dando um beijo na barriga. Ana Júlia chuta logo em seguida e ele me olha admirado, como faz toda vez que a sente chutando, o que tem sido cada vez mais frequente agora, que faltam apenas cinco semanas para nascer.

— Eu vou apenas porque não quero ser culpado pelo resto da minha vida se essa menina nascer realmente parecendo uma manga – ele diz, sorrindo e então desce as escadas da varanda até o jardim.

Na mesma hora João Pedro e Joaquim saem correndo e dentro de casa, atrás do pai.

— Não desçam a escada correndo! – Grito e me levanto da cadeira de balanço com cuidado.

Automaticamente me lembro da minha mãe. E de como ela vivia gritando coisas do tipo para mim e para o Pedro. Sorrio com a lembrança dela e do meu irmão, ao perceber que eles ainda estão tão vivos em minha memória.

Olho as crianças correndo pela grama, o Joaquim, mesmo sendo mais novo, é maior que o João, e o derruba no chão por qualquer motivo bobo que não consigo ouvir pelo qual estão discutindo. Esforço-me para não voltar a reclamar com eles e apenas fico ali, olhando o André subindo na árvore para pegar as mangas e as crianças correndo.

E nesse momento eu sequer me lembro que algum dia que fui infeliz. Não consigo me lembrar de que sequer um dia eu cheguei a pensar que não servia para ser mãe. Que eu não conseguiria viver feliz sabendo que existem

peessoas dependendo de mim e que existem pessoas que carregam o meu coração dentro de seus pequenos corpos.

Eu me lembro de que isso aconteceu, eu me lembro dessa decisão que tomei, mas a pessoa que decidiu isso parece que não existe mais. E isso preenche o meu coração de uma alegria que parece transbordar sem nunca acabar.

Porque essa é graça da felicidade: quando ela é genuína, ela te faz acreditar que ela é tudo que há, é tudo que importa ser lembrado. Ela te faz esquecer quem um dia você foi triste, ela te faz acreditar que vai durar para sempre.

E, agora, eu acredito que ela vai.

NOTA DA AUTORA

Escrever mais sobre a história de Catarina nunca foi o meu plano, confesso. Mas a repercussão que o conto ganhou foi tão boa, foram tantos comentários lindos e emocionantes, tantas pessoas que se sentiram tocadas de alguma forma com a história de Catarina e André, que eu não poderia simplesmente não falar mais deles.

Esse pequeno romance é para vocês e por vocês, meus queridos leitores. Eu espero que em meio ao drama de toda essa história, vocês tenham tirado lições valiosas para a vida de vocês, que as minhas palavras tenha ajudado vocês, tenha colocado um sorriso em seus rostos e tenha dado uma dose de esperança para seus sonhos.

A vida é dura. É difícil. Temos cicatrizes, dores, temores... Mas ela ainda vale a pena. Porque cada dia é um novo dia, o que somos hoje é diferente do que seremos amanhã e, bom, isso muda tudo. Não se detenha tanto às dificuldades que você está passando agora e nem se preocupe demais com o que vai ser do amanhã, tente ver a beleza onde você está, tente ser feliz com o que tem. Apenas viva, da melhor forma que você pode viver, cultivando os melhores sentimentos e plantando boas sementes.

Eu espero que você tenha se sentido encorajado, motivado e feliz ao terminar essa história. Eu espero ter mudado de alguma forma o seu dia, para melhor. Por favor, não deixe de me falar o que achou da história, pode me marcar no Facebook (www.fb.com/livrojustayear), no Instagram ([@lecalexis](https://www.instagram.com/lecalexis)) ou no Twitter ([/lecalexis](https://twitter.com/lecalexis)). Eu amo conversar com os leitores e saber suas impressões sobre as histórias.

#AcreditoNaVida

Se você se sente depressivo e como se sua vida não valesse mais a pena, por favor, procure por ajuda. Falar é a melhor solução!

SOBRE A AUTORA

Aléxia Macêdo tem 19 anos, faz faculdade de Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio de Janeiro e começou a escrever por pura diversão na plataforma Wattpad. Conforme o amor pela escrita aumentava, mais ela conquistava leitores e novas histórias surgiam em sua mente. Atualmente ela tem dois livros completos no Wattpad e está escrevendo sua segunda Ficção Adolescente chamada “Como Conquistar Meu Melhor Amigo”, conheça mais dessa história:



COMO CONQUISTAR MEU MELHOR AMIGO:

Mariana tem exatamente tudo planejado para sua vida: entrar na faculdade de jornalismo aos 17 anos e terminar aos 21, conhecer dez países antes do 25 e encontrar o cara certo aos 30. O que ela não espera é que justamente uma prova de física consiga desencaminhar todos os planos que ela já tem listados.

Ao receber a ajuda de Bernardo, seu melhor amigo, para conseguir se dar bem na recuperação da prova, Mari percebe que até se pode planejar tudo na vida, mas isso não significa que irá viver o que tem em mente. Agora ela se encontra apaixonada pelo seu melhor amigo, que não parece tão interessado assim nela por sua própria culpa. Para piorar a situação, Mari começa a sofrer de crises de

ansiedade. Para ajudar sua amiga, Beatrice tem a ideia brilhante de formar um plano que fará com que Mari não reprima mais seus sentimentos e de quebra conquiste o coração de Bernardo. Será que existe um caminho que pode ser trilhado para se chegar ao coração de alguém? Mariana vai ter que descobrir...

Você pode ler a história no site/app Wattpad.

Table of Contents

[Prólogo](#)

[PRIMEIRO](#)

[SEGUNDO](#)

[TERCEIRO](#)

[QUARTO](#)

[QUINTO](#)

[SEXTO](#)

[SÉTIMO](#)

[OITAVO](#)

[NONO](#)

[DÉCIMO](#)

[DÉCIMO PRIMEIRO](#)

[DÉCIMO SEGUNDO](#)

[DÉCIMO TERCEIRO](#)

[DÉCIMO QUARTO](#)

[DÉCIMO QUINTO](#)

[DÉCIMO SEXTO](#)

[DÉCIMO SÉTIMO](#)

[EPILOGO](#)

[Nota da autora](#)

[Sobre a autora](#)